



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**CLEONEIDE FERNANDES DE AMORIM ROCHA**

**LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA: POSSIBILIDADES DE  
DESENVOLVER A ORALIDADE ATRAVÉS DOS CONTOS E RECONTOS DE  
HISTÓRIAS**

**JOÃO PESSOA/PB**

**2019**

**CLEONEIDE FERNANDES DE AMORIM ROCHA**

**LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA: POSSIBILIDADES DE  
DESENVOLVER A ORALIDADE ATRAVÉS DOS CONTOS E RECONTOS**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial  
para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda.

**JOÃO PESSOA/PB**

**2019**

## **Catálogo na publicação**

### **Seção de Catalogação e Classificação**

R672l Rocha, Cleoneide Fernandes de Amorim.

LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA: POSSIBILIDADES DE  
DESENVOLVER A ORALIDADE ATRAVÉS DOS CONTOS E RECONTOS /  
Cleoneide Fernandes de Amorim Rocha. - João Pessoa, 2019.

100p f. : il.

Orientação: Joseval dos Reis Miranda.

Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Literatura Infantil. 2. Contação de História. 3.  
Oralidade. I. Miranda, Joseval dos Reis. II. Título.

UFPB/BC

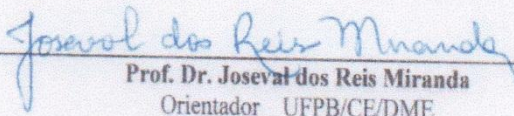
TERMO DE APROVAÇÃO

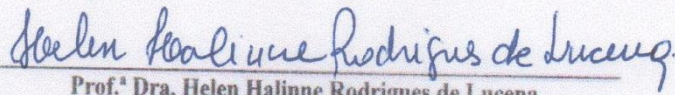
CLEONEIDE FERNANDES DE AMORIM ROCHA

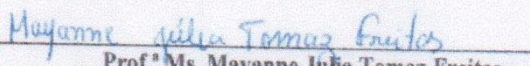
LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA: POSSIBILIDADES DE  
DESENVOLVER A ORALIDADE ATRAVÉS DOS CONTOS E RECONTOS DE  
HISTÓRIAS

Monografia aprovada, como requisito parcial à obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia  
pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, pela seguinte banca examinadora:

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda  
Orientador UFPB/CE/DME

  
Prof.ª Dra. Helen Halinne Rodrigues de Lucena  
Avaliadora – UFPB/CCHSA/DE

  
Prof.ª Ms. Mayanne Julia Tomaz Freitas  
Avaliadora – Faculdade Três Maria/João Pessoa

JOÃO PESSOA – PB  
30 de setembro de 2019

Dedico este trabalho a minha avó Bernadete Rocha de Amorim, que foi uma grande mulher, um exemplo de amor, carinho e dedicação, a pessoa que me alfabetizou e que enquanto se fez presente nesse mundo sonhou em me proporcionar uma educação de qualidade, pois, hoje através do seu incentivo, a realização desse sonho se concretiza em minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

A jornada acadêmica em um determinado momento da vida não é uma missão fácil de ser levada adiante, em alguns momentos temos que ser fortes e persistentes, por isso, é fundamental o apoio e o incentivo de todos para nos fortalecer em momentos de fraqueza, nos impulsionando para uma vida profissional promissora.

Agradeço primeiramente a Deus, o maior mestre de todos os mestres por que ele é a razão da minha humilde existência, ele permitiu que tudo acontecesse ao longo da minha vida, não só na minha trajetória acadêmica, mas em todos os momentos que me deu saúde e força para superar todos os obstáculos, tornando o meu sonho em realidade.

Agradeço a Universidade Federal da Paraíba por proporcionar um ambiente acolhedor e criativo para meus estudos, ao seu corpo docente que sempre proporcionaram um ensino de qualidade, a Coordenação do Curso de Pedagogia, enfim, a todos os funcionários que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço ao meu filho Cosmo Antônio da Silva Júnior por ter sido o ponto de partida e a alavanca para minha trajetória acadêmica, por ter acreditado que eu seria capaz, agradeço também a minha filha Clarisse Priscilla de Amorim Rocha, que sempre foi minha fortaleza, pois, sem o incentivo e a presença deles na minha vida, eu jamais teria conseguido alcançar os meus ideais.

Agradeço ao meu esposo Cosmo Antônio da Silva por todo apoio e incentivo aos meus estudos, pela paciência que teve ao longo desses quatro anos, me encorajando a não desistir, abrindo mão da minha companhia, dos momentos de lazer, por compreender que minha ausência era em função da realização de um sonho em busca de um futuro profissional promissor.

Agradeço ao Programa RUARTES onde atuo como Educadora Social que me possibilita uma prática educacional fora da sala de aula, voltada para uma Educação Popular, que é emancipatória e libertadora para as pessoas vulneráveis, e aos meus companheiros de trabalho que acompanharam toda essa trajetória com carinho, sempre me oferecendo apoio.

Agradeço a todos (as) meus amigos (as) do curso de graduação que desde o início se tornaram uma família e compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, pelo companheirismo e pelo trabalho coletivo, respeitando as diferenças, sempre com o espírito colaborativo, agradeço especialmente as minhas amigas Patrícia Alves Andrade, Vanessa Ferreira de Oliveira, Andréia de Oliveira, Edilene Firmino da Silva e a Juliane Gomes de

Oliveira, pois, elas se tornaram amigas que levarei para toda vida e sempre estarão guardadas no meu coração.

Agradeço a professora Tânia Rodrigues Palhano, por ter me inserido nos projetos de iniciação científica PIVIC e PROLICEN, onde aprendi ser uma aluna pesquisadora e professora, entendendo que todo/a professor/a deve ser um pesquisador/a. Também agradeço pela oportunidade de ter sido monitora na disciplina ministrada por ela. Para mim foi de grande relevância, por ter proporcionado uma aproximação com a prática docente, permitindo o contato direto com os alunos na sala de aula.

Agradeço ao Programa Residência Pedagógica porque através da minha participação direta, pude ter um contato contínuo com os alunos da Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba – EEBAS, realizando uma observação participante, ministrando oficinas, acompanhando o trabalho do professor e a rotina dos alunos na sala de aula. Essa experiência foi de suma importância para um bom desempenho na minha formação acadêmica e para uma carreira profissional promissora.

Agradeço ao meu orientador Joseval dos Reis Miranda que cordialmente se dispôs a me orientar, por toda paciência e apoio prestado ao longo da elaboração deste trabalho final. Pela grande atenção dispensada, pelo suporte pedagógico, sistematização dos conteúdos e por ter aceitado este desafio tão importante e essencial para que este projeto fosse concluído.

Em suma, o meu muito obrigado a todas as pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram e fizeram parte da minha formação, auxiliando na conclusão deste trabalho e na minha formação profissional.

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.

(FREIRE, 2000, p. 17)



ROCHA, Cleoneide Fernandes de Amorim. **Literatura infantil na sala de aula:** possibilidades de desenvolver a oralidade através dos contos e recontos de histórias. 2019. 100p. Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, João Pessoa-PB.

## RESUMO

O presente trabalho destaca a importância do uso da Literatura infantil como um recurso pedagógico para o desenvolvimento da oralidade nos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental. Nessa perspectiva a pesquisa teve como objetivo geral compreender como a utilização em sala de aula da literatura infantil pode auxiliar os alunos do quarto ano do Ensino Fundamental a desenvolver a oralidade através dos contos e recontos de histórias. Para os objetivos específicos buscamos: revisar como se apresentam os estudos teóricos sobre a literatura infantil e o desenvolvimento da oralidade; analisar como a literatura infantil pode contribuir para o desenvolvimento da oralidade; analisar como o professor pode trabalhar a oralidade com os alunos na sala de aula por meio da literatura infantil; e identificar quais os resultados no desenvolvimento de atividades de oralidade por meio da literatura infantil. Como metodologia de pesquisa, priorizamos o método qualitativo, fazendo uso da observação participante e das oficinas temáticas de contação de histórias. Buscamos dialogar com os teóricos Bakhtin (1997), Bettelheim (1997), Caldin (2002), Cavalcanti (2009), Gil (2002), Koch (2001), Lajolo e Zilberman (1998), Marcushi (2005), Moraes (1999), Paviani e Fontana (2009), Prodonav (2013), Zilberman (1991) e Zilberman (2003) e na BNCC (2018) de Língua Portuguesa. De acordo com o que foi observado na instituição de ensino onde a pesquisa foi realizada, constatamos que a professora da sala de aula reconhece a importância da literatura infantil no processo do desenvolvimento oral dos alunos, porém, o trabalho com a literatura infantil não ocorre de forma sistematizada, limitando-se apenas a momentos específicos. Por meio das intervenções na turma, que se deram no formato de oficinas temáticas de contação de histórias pudemos constatar a receptividade dos alunos para com a literatura infantil. Portanto, reconhecendo a importância da contação de histórias, como facilitadora do processo do desenvolvimento oral dos alunos, faz-se necessário que os professores incluam no seu planejamento a literatura infantil como ferramenta essencial no processo de mediação da aprendizagem.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil. Contação de História. Oralidade.

ROCHA, Cleoneide Fernandes de Amorim. **Children's literature in the classroom: possibilities to develop orality through storytelling and retelling.** 2019. 100p. Monograph (Graduation in Pedagogy). Federal University of Paraíba, Education Center, João Pessoa-PB.

## **ABSTRACT**

The present paper highlights the importance of the use of children's literature as a pedagogical resource for the development of orality in students of the 4th grade of elementary school. In this perspective, the general objective of the research was to understand how the use in the classroom of children's literature can help the students of the fourth year of elementary school to develop the orality through the tales and recontos of stories. For the specific objectives we seek: to revisit how the theoretical studies on children's literature and the development of orality are presented; to analyze how children's literature can contribute to the development of orality; analyze how the teacher can work orality with the students in the classroom through the children's literature; and identify what results in the development of oral activities through the children's literature. As a research methodology, we prioritize the qualitative method, making use of participant observation and the theme workshops of storytelling, at the School of Basic Education of the Federal University of Paraíba, for the sixteen pupils of the 4th grade elementary school class. We seek dialogue with the theorists Bakhtin (1997), Bettelheim (1997), Caldin (2002), Cavalcanti (2009), Gil (2002), Koch (2001), Lajolo and Zilberman (1998), Marcushi (2005), Moraes (1999), Paviani and Fontana (2009), Prodonav (2013 (2013) and Zilberman (2003) and BNCC (2018) Portuguese. According to what was observed in the educational institution where the research was conducted, we found that the teacher of the classroom recognizes the importance of children's literature in the process of oral development of students. However, the work with the children's literature does not occur in a systematized way, being limited only to specific moments. Through the interventions in the class, which took place in the form of workshops on storytelling, we were able to verify the students' receptivity to children's literature. Therefore, recognizing the importance of storytelling as a facilitator of the students' oral development process, it is necessary for teachers to include in their planning children's literature as an essential tool in the process of mediation of learning.

**Keywords:** Children's Literature. History contation. orality.

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1:</b> Alunos construindo a lagartixa de mosaico	68
<b>Figura 2:</b> Produção dos alunos: oficina de mosaico	69
<b>Figura 3:</b> crianças desenhando flores	72
<b>Figura 4:</b> crianças montando o cartaz da mulher negra	72
<b>Figura 5:</b> Produção textual do aluno 4	74
<b>Figura 6:</b> Produção textual da aluna 5	74
<b>Figura 7:</b> construção coletiva do cartaz	76
<b>Figura 8:</b> Alunas fazendo a leitura ora	77
<b>Figura 9:</b> Momento do reconto	78

## **LISTA DE SIGLAS / ABREVIATURAS**

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CEB – Câmara de Educação Básica

CNE – Conselho Nacional de Educação

EEBAS – Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

PIVIC – Programa de Iniciação Científica Voluntária

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra a Domicílio

PROLICEN – Programa Bolsas de Licenciatura

REI – Repositório Eletrônico Institucional

RUARTES – Programa de Abordagem Social a Pessoas em Situação de Rua

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Trabalhos monográficos do ano 2015 e 2016	19
<b>Quadro 2:</b> Trabalhos monográficos do ano 2017 e 2018	20
<b>Quadro 3:</b> Trabalhos monográficos do ano 2019	21
<b>Quadro 4:</b> Trabalhos monográficos do ano 2015	22
<b>Quadro 5:</b> Trabalhos monográficos do ano 2018 e 2019	24
<b>Quadro 6:</b> Trabalhos monográficos do ano 2015 e 2016	24
<b>Quadro 7:</b> Trabalhos monográficos do ano 2017 e 2018	26
<b>Quadro 8:</b> Plano de atividades desenvolvidas da primeira oficina (Conto e reconto)	53
<b>Quadro 9:</b> Plano de atividades desenvolvidas da segunda oficina (Contação de história)	54
<b>Quadro 10:</b> Plano de atividades desenvolvidas na terceira oficina (Contação de história)	55
<b>Quadro 11:</b> N° de funcionários da EEBAS	61
<b>Quadro 12:</b> N° de alunos matriculados nas escolas municipais de João Pessoa/PB	62

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	15
<b>2 DESCOBRINDO O QUE TEMOS SOBRE O TEMA</b>	18
<b>3 PERCURSO TEÓRICO DA LITERATURA INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE</b>	29
<b>4 ORALIDADE NA LITERATURA INFANTIL DO DOCENTE NOS CONTOS E RECONTOS</b>	36
<b>5 DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES DE ORALIDADE POR MEIO DA LITERATURA INFANTIL</b>	43
<b>6 PERCURSO METODOLÓGICO</b>	50
6.1 O Tipo de Pesquisa: a pesquisa qualitativa	50
6.2 A forma de Trabalho de Campo: a pesquisa participante	51
6.3 Procedimentos de Geração de Dados	56
6.3.1 Observação Participante	56
6.3.2 Oficinas Temáticas	57
6.3.3 Rodas de Conversa	58
6.4 Participantes da Pesquisa	59
6.5 A Escola Pesquisada	60
6.6 O Município de João Pessoa/PB	61
6.7 As Análises dos Dados Gerados	63
<b>7 TECENDO A ANÁLISE DOS DADOS</b>	64
7.1 Conhecendo os Participantes da Pesquisa	65
7.2 A Literatura Infantil e sua Contribuição para a Oralidade	66
7.3 O Trabalho com Oralidade por meio da Literatura Infantil	75
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	81
<b>REFERÊNCIAS</b>	84
<b>APENDICE A- PROJETO DE INTERVENÇÃO</b>	86
<b>APÊNDICE B - ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE</b>	94
<b>APENDICE C – TEXTO A LAGARTIXA CAUÊ</b>	95
<b>APENDICE D – QUESTIONÁRIO – LAGARTIXA CAUÊ</b>	97

<b>APENDICE E – TEXTO MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA</b>	98
<b>APENDICE F – TEXTO O CABELO DE LELÊ</b>	99
<b>BREVE CURRÍCULO DA AUTORA</b>	100

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura infantil é um recurso pedagógico muito importante, pois, possibilita ao aluno um contato mais refinado com o mundo imaginário que toda criança parece ter. Na nossa trajetória escolar não tivemos contato com contação de histórias, fomos crescendo e perdendo o direito de aproveitar os benefícios que ela oferece, por meio dos contos de fadas e pela riqueza de seus conteúdos.

As escolas de Ensino Fundamental dos anos 80, não tinham em seus currículos a contação de histórias. Lembramos que quando começamos a freqüentar a escola, o processo educativo dava-se por meio das práticas de alfabetização. Gostaríamos de ter tido contato com a literatura infantil quando criança, de ouvir histórias bonitas que nos fizessem transcender para o mundo da imaginação.

A partir da participação no Programa de Residência Pedagógica, começamos a observar a turma do 4º ano do Ensino Fundamental, da Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba. Então pudemos perceber que havia uma grande dificuldade por parte de alguns alunos na hora de apresentarem trabalhos oralmente na sala de aula e em outros eventos da escola.

Após observarmos o fato ocorrido, usamos como ponto de partida para dar inícios às investigações e a busca por meios pedagógicos que minimizassem ou solucionasse o problema dos alunos da referida turma. Portanto, começamos a pesquisar sobre a literatura infantil e como ela poderia promover o desenvolvimento oral daqueles alunos.

Por meio do Projeto de Pesquisa da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC I, componente curricular obrigatório do Curso de Pedagogia da UFPB, realizamos o planejamento e preparamos oficinas de contação de histórias, como forma de contribuir no desenvolvimento da oralidade dos alunos da turma do quarto ano do Ensino Fundamental.

Surgiu à necessidade de pensar no tema da pesquisa, esse foi um desafio para nós, pois, havia a necessidade de encontrar um tema que se relacionasse com o problema que os alunos vinham enfrentando na sala de aula. Nas reuniões que participamos do programa residência pedagógica, sempre ouvimos falar em contação de histórias, então pensamos: vamos falar sobre literatura infantil.

A literatura infantil é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo das crianças quando praticada desde cedo porque abre as portas do mundo, trazendo um leque de possibilidades educativas, gerando uma consciência crítica e libertadora, dando-lhes a



oportunidade de conhecer diversas histórias através de uma leitura prazerosa, proporcionando conhecimento, desenvolvendo o imaginário, criando o gosto pelos livros e adquirindo o hábito de ler de maneira divertida.

A contação de histórias serve como um recurso valioso no auxílio da prática educativa dos professores, porque as narrativas infantis despertam nas crianças a imaginação, a criatividade, melhora a prática da oralidade, facilita o aprendizado, desenvolve a escrita, a linguagem oral e visual, incentivam o prazer pela leitura, facilitam o aprendizado, trabalham as brincadeiras e promovem o senso crítico.

O nosso interesse pela literatura infantil foi ficando cada vez intenso, então surgiu à necessidade de buscarmos entender o tema, dialogando com alguns autores como Bakhtin (1997), Bettelheim (1997), Caldin (2002), Cavalcanti (2009), Gil (2002), Koch (2001), Lajolo e Zilberman (1998), Marcushi (2005), Moraes (1999), Paviani e Fontana (2009), Prodonav (2013), Zilberman (1991) e Zilberman (2003).

Esses foram os estudiosos que deram embasamento para a nossa pesquisa, que resultou na elaboração de um projeto de pesquisa e três oficinas temáticas de contação de histórias, que foram aplicadas com os alunos, na sala do 4º ano do Ensino Fundamental da EEBAS. Tudo isso, com objetivo de trabalhar a literatura infantil, como estratégia para o desenvolvimento da oralidade.

Essa pesquisa tem como objetivo geral compreender como a utilização da literatura infantil em sala de aula pode auxiliar os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental a desenvolver a oralidade através dos contos e recontos de histórias. Para entendermos o nosso objetivo, fizemos o seguinte questionamento: Como a utilização em sala de aula da literatura infantil pode auxiliar os alunos do 4ºano do Ensino Fundamental a desenvolver a oralidade através dos contos e recontos de histórias?

Para investigarmos o problema da pesquisa e para responder a pergunta que foi lançada, elaboramos os seguintes objetivos específicos: revisar como se apresentam os estudos teóricos sobre a literatura infantil e o desenvolvimento da oralidade; analisar como a literatura infantil pode contribuir para o desenvolvimento da oralidade; analisar como o professor pode trabalhar a oralidade com os alunos na sala de aula por meio da literatura infantil; e, identificar quais os resultados no desenvolvimento de atividades de oralidade por meio da literatura infantil.

Buscando estabelecer pontos importantes do nosso problema de pesquisa e organizar melhor o nosso entendimento, elaboramos as seguintes questões complementares:

- ✓ Como se apresentam os estudos teóricos sobre a literatura infantil e o desenvolvimento da oralidade?
- ✓ Como a literatura infantil pode contribuir para o desenvolvimento da oralidade?
- ✓ Como o professor pode trabalhar a oralidade com os alunos na sala de aula por meio da literatura infantil?
- ✓ Quais os resultados detectados no desenvolvimento de atividades de oralidade por meio da literatura infantil?

Dessa forma, para estruturarmos este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC realizamos inicialmente um levantamento dos trabalhos que foram produzidos com o mesmo tema nos anos de 2015 até agosto de 2019, no Repositório Eletrônico Institucional - REI da UFPB. Em seguida, apresentaremos nosso referencial teórico, que foi organizado em três capítulos intitulados: Percurso teórico da literatura infantil e o desenvolvimento da oralidade; Oralidade na literatura infantil mediada pelo docente nos contos e recontos; Desenvolvimento de atividades de oralidade por meio da literatura infantil.

Em seguida encontra-se o percurso metodológico da pesquisa, onde estão descritos os tipos de pesquisa e os procedimentos adotados para a geração dos dados. Depois estão as análises e interpretação dos dados coletados, e por fim, estão as considerações finais.

Assim, boa leitura para todos e todas!

## 2 DESCOBRINDO O QUE TEMOS SOBRE O TEMA

A pesquisa deste trabalho iniciou-se a partir do Estado da Arte. O pesquisador precisa conhecer os trabalhos que foram publicados anteriormente sobre o tema que está sendo estudado. Para que, por meio desse levantamento, ele possa elaborar seus estudos, buscando criar algo inovador, incrementando sua pesquisa com novos conceitos, novos métodos para que sua produção final seja satisfatória. E mesmo por acreditar que o conhecimento está sempre em construção.

Em torno de uma pesquisa acadêmica, existe uma demanda muito grande de conteúdos a serem pesquisados, no entanto, buscamos compreendê-los por meio de um levantamento bibliográfico no Repositório Eletrônico Institucional – REI, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, para ter uma visão mais ampla do que está sendo pesquisado.

Freitas e Prodanov (2014, p. 80) relatam que “O levantamento bibliográfico é um apanhado geral sobre os principais documentos e trabalhos realizados a respeito do tema escolhido, abordados anteriormente por outros pesquisadores para a obtenção de dados para a pesquisa”. Dessa forma relataremos a seguir o que foi descoberto por meio do levantamento realizado.

Para fazer o levantamento dos eixos: literatura infantil, oralidade e contação de histórias, realizamos uma busca nas doze primeiras páginas do REI, para identificar Trabalhos de Conclusão de Curso – TCCs, feitos entre os anos de 2015 até agosto de 2019. Foram encontrados quarenta trabalhos dentro dos três eixos pesquisados.

Para sistematizar a pesquisa, dividimos em sete quadros, distribuídos da seguinte forma: os trabalhos monográficos produzidos cujo tema é Literatura Infantil estão nos quadros 1, 2 e 3. Sendo que no quadro 1 estão os trabalhos dos anos 2015 e 2016, no quadro 2 estão os trabalhos dos anos de 2017 e 2018 e, no quadro três 3 o único trabalho sobre o tema do ano de 2019.

No quadro 4, estão os trabalhos monográficos do ano 2015, sobre o eixo Oralidade e, no quadro 5 estão os de 2018 e 2019. Já no quadro 6 estão os trabalhos do eixo Contação de Histórias dos anos 2015 e 2016 e no quadro 7 constam os trabalhos produzidos nos anos de 2017 e 2018.

Apresentamos a seguir o quadro 1 composto por sete monografias:

**Quadro 1: Trabalhos monográficos do ano 2015 e 2016**

<b>Assunto: Literatura Infantil</b>			
<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Objetivo Geral</b>
2015	O Processo de Aquisição da Leitura na Escola: as contribuições da literatura infantil	Santana, Maria Rosinélia Dias de	Estudar o processo de aquisição da leitura, por alunos do 1º ano de uma Escola Municipal, considerando as contribuições da Literatura Infantil Brasileira.
2015	Pedagogia, Currículo e Literatura Infantil: embates, discussões e reflexões	Araújo, Rute Pereira Alves de	Fazer reflexões sobre como se organiza e são significados os currículos nos cursos de Pedagogia de três Instituições do Estado da Paraíba, procurando perceber como se desenvolvem os estudos sobre literatura infantil/juvenil nesses cursos, que sentidos são dados à dinamicidade que o tema requer, bem como, qual a atmosfera histórica, embates políticos e discussões geradas durante o processo de inserção desses componentes nos cursos em questão.
2015	A importância da contação de histórias na educação infantil	Lacerda, Josefa Ferreira de	Discutir sobre a importância da contação de história na educação infantil, além de apresentar técnicas de como o educador pode trabalhar com esse fazer poético, utilizando a literatura infantil, nos dias atuais.
2016	A literatura na Prática Pedagógica da Educação Infantil	Araújo, Aucilene Medeiros de; Silva, João Batista Ventura da	Compreender de que maneira a literatura infantil contribui para o processo de desenvolvimento integral das crianças, bem como verificar, quais gêneros literários são utilizados e como ocorre a leitura desses gêneros na prática pedagógica da educação infantil, mostrando que a leitura e a contação de histórias é considerada um fator importante para o desenvolvimento das crianças.
			O Objetivo principal deste

2016	A contribuição da literatura infantil no desenvolvimento educacional	Fortunato, Geraldo Monteiro	trabalho é Analisar a importância da literatura como uma ferramenta para o desenvolvimento ético-cognitivo oral na educação infantil.
2016	Práticas de leitura na educação infantil: contribuições para formação de futuros leitores	Cabral, KalineSouza	Compreender a importância da leitura no processo escolar e social do indivíduo na Educação Infantil
2016	Abordagem da literatura infantil em turmas do 2º e 3º anos do ensino fundamental em escolas públicas de João Pessoa	Santos, Carolyne Melo dos; Santos, Cinthya Raphaela Borges dos	Identificar se a literatura infantil está sendo trabalhada em sala de aula, quais são as estratégias através das quais ela está sendo executada e quais os gêneros abordados.

Fonte: Repositório Eletrônico Institucional REI – UFPB, (Agosto, 2019).

Como podemos observar no quadro acima referente aos trabalhos monográficos no ano de 2015, foram realizados três trabalhos que abordam a literatura infantil e no ano de 2016 foram pesquisados quatro trabalhos. Em sua grande maioria, os trabalhos enfatizam a importância da literatura infantil para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Também destacamos esse recurso pedagógico como estratégia de ensino, possibilitando a formação do aluno leitor.

Apresentamos a seguir o quadro 2, composto por 05 monografias que abordam o mesmo tema:

**Quadro 2: Trabalhos monográficos do ano 2017 e 2018**

Assunto: Literatura Infantil			
Ano	Título	Autor (es)	Objetivo Geral
2017	A Literatura Infantil nos Anos Iniciais em uma Escola do Município de Coremas-PB	Oliveira, Maria Ivanete Machado de	Investigar como está sendo a prática da leitura, tomando como referência a Literatura Infantil, nos anos iniciais na escola supracitada.
2018	A literatura infantil na construção da prática de leitura nos anos iniciais do ensino fundamental	Cavalcanti, Marineuma de Oliveira Costa	Verificar a relação da Literatura Infantil como ferramenta pedagógica para o ensino-aprendizagem da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental.
			Analisar a literatura infantil

2018	A literatura infantil como recurso didático para o desenvolvimento da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola pública de João Pessoa	Cavalcante, Vanessa Mikaele dos Santos	como recurso para o desenvolvimento da leitura em uma escola pública de João Pessoa e verificar se a literatura infantil, de fato, está sendo trabalhada, bem como quais métodos e estratégias são utilizados pelos professores dos anos iniciais do ensino fundamental em sala de aula.
2018	A literatura infantil para surdos: uma análise a cerca da contação de história	Santos, Ana Paula Pereira dos	Investigar como ocorre a inclusão da criança surda no momento de contação de histórias.
2018	Literatura infantil afrodescendente: concepções de professoras do ensino fundamental I de escolas públicas no interior paraibano	Garcês, David Sousa	Compreender como professoras que lecionam/trabalham no 1º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas da cidade de Itaporanga/PB concebem e desenvolvem a proposta da literatura infantil de temática afrodescendente em suas práticas pedagógicas.

Fonte: Repositório Eletrônico Institucional REI – UFPB, (Agosto, 2019).

Os cinco trabalhos publicados nos anos de 2017 e 2018, na sua maioria buscam investigar e compreender como está sendo o uso da literatura infantil como facilitador do processo de ensino e aprendizagem e, como este recurso pedagógico pode facilitar a prática da leitura. No ano de 2017, apenas um trabalho foi publicado abordando a temática “literatura infantil”. Os outros quatro foram publicados no ano de 2018.

Segue o quadro 3 com a monografia publicada no ano de 2019, sobre a literatura infantil:

**Quadro 3: Trabalhos monográficos do ano 2019**

Assunto: Literatura Infantil			
Ano	Título	Autor (es)	Objetivo Geral
2019	Literatura no processo de letramento na educação infantil	Gomes, Isabelle Araújo	Conhecer e analisar a construção e a formação do gosto pela leitura na infância em crianças que frequentam a educação infantil, assim como, saber se existe

			participação familiar nesse processo e como se dá.
--	--	--	--

Fonte: Repositório Eletrônico Institucional REI – UFPB, (Agosto, 2019).

O trabalho da autora Gomes (2019) intitulado: “*Literatura no processo de letramento na educação infantil*”, também tem a finalidade de analisar a literatura infantil para a formação do gosto pela leitura. Esse parece ter sido o objetivo da maioria dos trabalhos publicados entre os anos de 2015 a 2019. Isso demonstra como a literatura infantil é importante para o estímulo do aluno em sua formação leitora.

Vejamos a seguir o quadro 4 que irá demonstrar as monografias do ano 2015.

**Quadro 4: Trabalhos monográficos do ano 2015**

Assunto: Oralidade			
Ano	Título	Autor (es)	Objetivo Geral
2015	O gênero textual tiras em quadrinhos: Um objeto de ensino e aprendizagem dos elementos da Oralidade presentes na linguagem escrita	Silva, Alessandra Gomes	Realizar um estudo do gênero discursivo tiras em quadrinhos como um potencial objeto de ensino e aprendizagem dos elementos da oralidade presentes na escrita.
2015	Uma metodologia para compreensão entre as modalidades oral e escrita através do uso de tecnologias computacionais	Souza, Valdemir Melo de	Propor uma metodologia para a compreensão entre as modalidades oral e escrita da língua materna através do uso de tecnologias computacionais.
2015	Proposta de Intervenção na Oralidade: gênero relato de experiência em crianças da Educação Infantil.	Menezes, Rosângela Tavares de	Desenvolver uma sequência didática com base nos postulados de Schneuwly e Dolz (2011), na perspectiva de estimular a criança a usar o gênero relato da experiência e, consequentemente, adquirir habilidades discursivas significativas.
2015	A relação entre oralidade e escrita e suas implicações no processo de alfabetização	Souza, Simone Veríssimo de	Contribuir para que haja uma reflexão a cerca da possibilidade de ensino da Língua Portuguesa com crianças em processo de alfabetização de forma dinâmica e produtiva, sem a

			necessidade de bloquear a expressão oral do aluno.
2015	A importância da contação de histórias na sala de aula: uma proposta de incentivo ao desenvolvimento da Oralidade.	Lima, Andrea Bernardes de	Descrever o processo de desenvolvimento da oralidade de alunos no meio escolar, utilizando-se da contação de histórias de tradição oral.
2015	Oralidade em sala de aula para além dos gêneros informais: uma proposta interventiva com o gênero debate de opinião	Oliveira, Fernando Alves de	Instrumentalizar os estudantes para a produção competente e crítica de textos orais, especialmente na modalidade formal, ensinando-os a usar a língua, de forma adequada, em todos os contextos.
2015	Expressão oral em língua francesa: uma interseção com habilidades sociais educativas	Vasconcelos, Maria Helena Venâncio de	Analisar os efeitos da exibição ou não de determinadas Habilidades Sociais Educativas (HSE), subcategoria das Habilidades Sociais, durante a Expressão Oral (EO) como conteúdo conceitual/procedimental.

Fonte: Repositório Eletrônico Institucional REI – UFPB, (Agosto, 2019).

Como podemos observar no quadro acima, foram produzidos em 2015, sete trabalhos monográficos, relacionados ao tema oralidade. Dentre os trabalhos, apenas um aproxima-se da nossa temática. Trata-se do trabalho da autora Lima (2015), intitulado: “*A importância da contação de histórias na sala de aula: uma proposta de incentivo ao desenvolvimento da oralidade*”.

O tema da autora Lima (2015) é semelhante ao nosso, visto que aborda a relevância da literatura infantil na sala de aula, como perspectiva de um possível desenvolvimento da oralidade. Isso reforça a ideia que o caminho que estamos trilhando para a construção dessa pesquisa, tem um fundamento para a prática educativa, bem como, serve para reforçar a importância da inserção da literatura infantil no planejamento escolar.

Segue o quadro 5 com os trabalhos monográficos produzidos sobre a oralidade, nos anos de 2018 e 2019.



**Quadro 5: Trabalhos monográficos do ano 2018 e 2019**

<b>Assunto: Oralidade</b>			
<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Objetivo Geral</b>
2018	A abordagem da oralidade em turmas de educação de pessoas jovens e adultas: possibilidades didáticas.	Silva, Agna Bezerra da	É investigar como se dá a abordagem da oralidade no contexto da educação de pessoas jovens e adultas.
2018	O trabalho com a oralidade nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental: o gênero debate.	BARROS, Rael Lázaro Nascimento Santos de	Analisar e desenvolver como se dá o ensino da oralidade no contexto escolar, por meio de Atividades que abrange a capacidade oral dos alunos e a competência suficiente para se posicionarem diante de situações sociais reais, utilizando o gênero textual debate.
2019	A Oralidade em sala de aula: aplicação de uma proposta de abordagem.	LIMA, Maria Amanda Guedes Filgueira de	O objetivo deste trabalho é verificar se a atividade proposta pela autora Bruno (2010) é eficiente para o ensino da oralidade em sala de aula.

Fonte: Repositório Eletrônico Institucional REI – UFPB, (Agosto, 2019).

Ao observar o quadro 5, vimos que apenas duas monografias sobre a oralidade foram realizadas no ano de 2018 e apenas uma em 2019. Desta forma podemos dizer que no passar dos anos, os estudantes dos cursos superiores, vem produzindo cada vez menos trabalhos que abordem a temática da oralidade, que no momento atual vem dando espaço para a contação de histórias.

Apresentamos a seguir o quadro 6, composto por cinco monografias:

**Quadro 6: Trabalhos monográficos do ano 2015 e 2016**

<b>Assunto: Contação de histórias</b>			
<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Objetivo Geral</b>
2015	A importância da contação de histórias na educação infantil	Lacerda, Josefa Ferreira de	Discutir sobre a importância da contação de história na educação infantil, além de apresentar técnicas de como o educador pode trabalhar com esse fazer poético, utilizando a literatura infantil, nos dias

			atuais.
2015	O uso do texto literário em sala de aula através da contação de histórias: trabalhando o pequeno príncipe	Silva, Juan Barreto de Brito	Demonstrar como a contação de histórias (técnica narrativa oriunda das artes cênicas) pode ser considerada uma importante ferramenta pedagógica, pois apresenta o texto literário de uma maneira lúdica, mais atraente para o aluno que não tem o hábito da leitura.
2015	A importância da contação de histórias na sala de aula: uma proposta de incentivo ao desenvolvimento da oralidade	Lima, Andrea Bernardes de	Descrever o processo de desenvolvimento da oralidade de alunos no meio escolar, utilizando-se da contação de histórias de tradição oral.
2016	O recurso visual como instrumento facilitador na contação de história para surdos	Lourenço, Werika Barbosa	Verificar a pertinência da representação imagética na contação do conto: “Não somos figurinhas”, da autora Claudia Werneck.
2016	A arte da contação de histórias: uma experiência de cuidado no projeto de extensão palhasus	Vasconcelos, Benedito Claret de	Investigar a função dessa arte na construção de ambientes emocionais agradáveis, em diferentes espaços de convivência.

Fonte: Repositório Eletrônico Institucional REI – UFPB, (Agosto, 2019).

Como podemos observar no quadro 6, foram produzidas no ano de 2015, três monografias referindo-se a contação de histórias e, no ano de 2016 foram produzidas apenas duas. A contação de história é um recurso imprescindível para o desenvolvimento da criança, Coelho (1999, p. 13) reforça que a história “Permite a autoidentificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstancia de vida”. Para a autora, a contação de história é um recurso que favorece a todos os públicos, sem nenhuma distinção.

Segue o quadro 7, com as monografias sobre contação de história dos anos 2017 e 2018.

**Quadro 7: Trabalhos monográficos do ano 2017 e 2018**

<b>Assunto: Contação de histórias</b>			
2017	Contação de histórias: instrumento necessário no estímulo à leitura	Silva, Marcionne Fernandes da	Analisar a contação de histórias como instrumento que contribuem para a aprendizagem das crianças.
2017	A importância da contação de história na educação infantil	Silva, Francisca Maria de Sousa Vale	A comparação de ideias de autores nacionais que abordam a esta temática, na qual objetivou-se analisar a concepção de leitura, escrita e letramento, captando a concepção de leitura em Paulo 2017Freire e Sônia Kramer e a concepção de letramento em Magda Soares.
2017	A histórica contação de história: fase inicial da educação	Melo, Maria Sônia de	Conhecer as possíveis contribuições da contação de história para o desenvolvimento das crianças pequenas.
2017	A importância dos contos na aprendizagem da leitura na educação infantil	Andrade, Maria Damiana de	Analisar o conto infantil como elemento de mediação pedagógica no desenvolvimento do prazer pela leitura no processo de ensino aprendizagem na Educação Infantil.
2018	Contação de história na escola do campo: do imaginário ao desenvolvimento infantil	Souza, Ana Lúcia Cruz de	Destacar a importância da contação de histórias na Educação Infantil do campo e suas implicações para o desenvolvimento integral da criança.
2018	A contação de história na educação infantil: práticas e reflexões	Rodrigues, Cristina Cordeiro de Muniz	Analisar o papel ou contribuição da contação de história e como ela contribui com o desenvolvimento das crianças.
2018	A contação de história como recurso pedagógico no desenvolvimento da criança na educação infantil	Barroso, Sheila Costa Chaves	Analisar as possibilidades que existem através do recurso pedagógico da contação de história.
2018	Literatura infantil: a contação de histórias como recurso pedagógico	Aguiar, Josefa Simone de Farias	Analisar a concepção de professoras sobre o trabalho com a literatura infantil e a contação de histórias.
	Contação de	Vasconcelos,	Descrever quais as influências das

2018	histórias infantis: um recurso para estimular a aprendizagem	Jacqueline Oliveira de	histórias infantis para o desenvolvimento cognitivo da criança com déficit de aprendizagem.
2018	PNAIC na educação infantil: A formação do leitor e a contação de histórias na Educação Infantil.	Nunes, Desirée Cavalcante	Apresentar elementos norteadores da Formação desenvolvida pela UFPB para profissionais da Educação, com o foco na contação de histórias.
2018	A literatura infantil para surdos: uma análise acerca da contação de histórias	Santos, Ana Paula Pereira dos	Investigar a partir de entrevistas como ocorre a inclusão da criança surda no momento de contação de histórias.
2018	Literatura para crianças: contação de histórias no infantil 3	Gomes, Mirian Lais Regis	Permitir um espaço na rotina das crianças para a contação de histórias, com o intuito de ampliar o prazer que as crianças já demonstravam com as ações voltadas para a leitura.

Fonte: Repositório Eletrônico Institucional REI – UFPB, (Agosto, 2019).

Portanto, podemos observar que o quadro 7, com a temática contação de história, têm quatro trabalhos monográficos realizados no ano de 2017 e, no ano de 2018 foram realizados oito. Dos doze trabalhos monográficos que foram produzidos nos anos de 2017 e 2018, nove autores buscam analisar como a contação de histórias pode contribuir no desenvolvimento da criança e dois, buscam entender a contação de história na prática do professor.

Diante do exposto podemos afirmar que os trabalhos monográficos reconhecem a importância da literatura infantil, da oralidade e da contação de histórias para o desenvolvimento escolar dos alunos. Porém, pudemos observar que a maioria das monografias que falam da contação de histórias é voltada para a Educação Infantil, mas a contação de história, favorece a todos os públicos.

Sendo assim, os alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental também são crianças e precisam da contação de histórias para o seu crescimento escolar, pois, a contação pode criar um leque de possibilidades para que eles busquem na história, fazer um comparativo com acontecimentos de seu cotidiano, podendo utilizar a história para solucionar problemas da vida real.

Após revisitar os trabalhos monográficos, para descobrir sobre o que foi publicado acerca do tema, podemos afirmar que existe um diferencial nesta monografia, porque ela aborda três temáticas diferentes, mas que, estão conectadas para facilitar o processo de ensino

e aprendizagem dos alunos, em especial, os do 4º ano do Ensino Fundamental, que foram os autores desta pesquisa.

Em seguida iremos apresentar o percurso teórico deste trabalho, para dialogar com os autores que abordam as temáticas, que são objetos desse estudo, para compreender, confrontar e analisar os dados dessa pesquisa.

### 3 PERCURSO TEÓRICO DA LITERATURA INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE

Visando trabalhar com crianças do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola de Educação Básica da UFPB - EEBAS, tendo a contação de histórias e o reconto como estratégia de ensino para o desenvolvimento da oralidade. Neste capítulo iremos abordar a literatura infantil, buscando compreender como este recurso pode ajudar as crianças a desenvolverem o gosto pela leitura através dos contos de fadas, e como se apresentam os estudos teóricos da literatura infantil.

Para ofertar uma educação de qualidade as crianças do Ensino Fundamental, podemos recorrer à literatura infantil como subsídio importante para ser usada como instrumento educativo, com objetivo de despertar nas crianças o imaginário. Essa literatura que existe nos contos de fadas, nas lendas, nas fábulas, nos poemas, dentre outros gêneros textuais, ajuda desenvolver nelas o gosto pela leitura, ao ouvir histórias atrativas, contadas de forma lúdica, criativa e estimulando a prática do reconto, como subsídio educacional para o desenvolvimento da oralidade.

A literatura infantil é o ramo da literatura dedicado às crianças e ao público infanto-juvenil. Para compreender a origem e a importância da literatura infantil, buscamos o significado e tradução do termo que vem do latim *Littera*, que significa “letra”, que também quer dizer “escritos, contos” (Significados.com.br).

A literatura infantil surgiu no Brasil na primeira metade do século XVIII, mas, foi no período do classicismo francês, no século XVII que foram escritas histórias apropriadas para a infância: as fábulas, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, as aventuras de Telêmaco, Fénelon, lançadas em 1717. Os Contos da Mamãe Gansa, de Charles Perrault foram publicados em 1697, no entanto o escritor atribuiu a autoria da obra a seu filho mais moço. A recusa se deu pelo fato do escritor ser membro da academia francesa, e a literatura infantil era considerada uma obra popular (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988).

No Brasil a chegada da literatura infantil é um fato recente, surgiu através de manifestações que foram ao longo do tempo, produzidas pela sociedade. No período que antecedia o século XVIII não existia infância, deste modo às crianças conviviam e compartilhavam com os adultos um tipo de literatura que era voltada para o estilo daquela época, viviam sob a dependência dos adultos, pois eram improdutivas, e era um reflexo do que o adulto e a sociedade queriam que eles fossem (ZILBERMAN, 2003).

Segundo Zilberman (1988) as primeiras obras para crianças foram produzidas no fim do século XII e durante o século XVIII, motivado pelo crescimento industrial e pela grande migração de pessoas do campo, para os grandes centros urbanos que ocasionou um crescimento na economia e na política das cidades. O êxodo rural provocou um aumento significativo da chegada dos filhos dos operários nas zonas urbanas, surgindo então à necessidade da criação de escolas para todos, na qual a educação deixou de ser um privilégio apenas dos filhos dos burgueses.

Zilberman (2003) destaca que a literatura infantil tem características próprias da época, reconhecida como cultura de massa. O seu surgimento decorre da ascensão das famílias burguesas e do novo status concebido à infância, modificando o *status* da criança na sociedade e da reorganização da escola. Essa peculiaridade é perceptível no momento que se lê a literatura infantil em épocas distintas, pois, diante da colocação da autora é construída pela influência do contexto cultural e social que está emersa.

A literatura infantil tem papel fundamental na narrativa do processo de alfabetização e de humanização das crianças na sua formação escolar. Ela proporciona ao aluno, uma forma diferenciada de aprendizagem, convidando-o primeiramente para a construção de saberes por meio da oralidade, e depois utiliza a escrita para a consolidação do ensino através da contação de histórias.

Atualmente a literatura infantil tem uma dimensão bem maior e muito mais importante para a criança, porque ela permite um melhor desempenho educacional, emocional e cognitivo. Para Zilberman (1991) o momento da leitura é bastante compensador, pois, quando a criança vai superando as diversas dificuldades enfrentadas pelos códigos da escrita e começa a fazer uma leitura silábica e de palavra, seu interesse maior é a leitura porque nesse processo ela tem a compreensão e o domínio do texto.

A literatura infantil é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo das crianças quando praticada desde cedo, porque abre as portas do mundo, trazendo um leque de possibilidades educativas, gerando uma consciência crítica e libertadora, dando-lhes a oportunidade de conhecer diversas histórias através de uma leitura prazerosa, proporcionando conhecimento, desenvolvendo o imaginário, criando o gosto pelos livros e adquirindo o hábito de ler de maneira divertida.

A literatura infantil para criança não deve ser posta de forma compulsiva. Ela tem que ser prazerosa e transmitida como forma de recreação. Segundo Zilberman:

A leitura recreativa não visa à aquisição imediata de conhecimentos, mas ela é necessariamente pedagógica, uma vez que passa sempre ao leitor uma mensagem, mesmo que seja: “Não há mensagem, o importante é nos divertimos”. O mesmo autor afirma que um livro para a juventude, antes de tudo, é um livro que os jovens lêem com prazer. O livro será tanto mais agradável quanto mais o aluno embrenhar-se no conteúdo humano contido no texto (ZILBRMAN, 1991, p. 86-87).

A autora destaca que mesmo tendo uma intencionalidade e sendo um ato pedagógico a leitura por meio da literatura infantil para crianças em primeira instância não deve ser transmitida como forma de ensino formal e obrigatório, pois, deve ser de cunho recreativo para que elas tenham o prazer e deleite de ler, de ouvir histórias que despertem o desejo de reproduzi-las de forma criativa, para que o conhecimento seja transmitido continuamente a outras crianças, não só no ambiente escolar, mas em outros espaços fora da escola.

Nesse contexto, os contos de fada são bastante educativos, porque despertam sentimentos, lançando problemáticas, e possibilitando o ensaio de possíveis soluções para tais situações. Portanto, contribuem para estimular o imaginário das crianças, para despertar a curiosidade com auxílio do mundo do faz de conta. Embora, muitas circunstâncias expressem preconceitos, na maioria das vezes, buscam a fantasia para contar histórias que tem relação imaginária com o cotidiano atual. Para Bettelheim:

Todos os bons contos de fadas têm significados em muitos níveis; só a criança pode saber quais significados são importantes para ela no momento. À medida que cresce, a criança descobre novos aspectos desses contos bem conhecidos, e isso lhe dá a convicção de que realmente amadureceu em compreensão, já que a mesma história agora revela tantas coisas novas para ela. Isso só pode ocorrer se a criança não ouviu uma narrativa didática do assunto. A história só alcança um sentido pleno para a criança quando é ela quem descobre espontânea e intuitivamente os significados previamente ocultos. Essa descoberta transforma algo recebido em algo que ela cria parcialmente para si mesma (BETTELHEIM, 1997, p.6-7).

Dessa forma sabemos que as crianças gostam de ouvir histórias, e é por meio dos contos que elas podem descobrir outra maneira de ver o mundo, ou até mesmo mudar o seu jeito de agir, porque estimula a fantasia e as leva para o mundo do faz de conta, despertando o imaginário, estimulando-as a indagar, discutir e fantasiar, porém só a criança sabe o sentido que a história transmite. De acordo com a necessidade do leitor ou ouvinte as emoções e os significados das histórias podem mudar, elas podem significá-las de forma negativa ou positiva.

Os gêneros literários infantis como, por exemplo, os contos de fadas, as fábulas, as lendas e outros, transformam a rotina escolar das crianças, porque trazem conteúdos insubstituíveis, tornando as aulas lúdicas e dinâmicas, que de maneira bem positiva,



contribuem no processo de ensino e aprendizagem, favorecendo o desenvolvimento da leitura, bem como o desenvolvimento da oralidade por meio do reconto da história.

A literatura infantil também facilita o trabalho coletivo, aumenta o envolvimento das crianças através da leitura e da socialização coletiva, reforçando a magia e despertando a curiosidade em todas. O reconto possibilita o aumento do vocabulário, além de estimular a prática da oralidade. Cavalcanti destaca que:

Quando falamos da literatura como sendo uma porta aberta para a construção de um sujeito mais feliz, ou pelo menos mais sensível, nos agarramos ao fato de que aí temos um universo pleno de metáforas, de símbolos e jogos capazes de nos arremessar para o êxtase da fantasia, da criação, por conseguinte do maravilhoso que nos lança para o mundo (re) criado dos desejos mais secretos, dos anseios sentidos e vividos plenamente, apenas, pelo estabelecido como poético e verdadeiro, tecidos pela palavra-metáfora (CAVALCANTI, 2009, p. 27).

Diante do exposto, dizer que a literatura nos faz sujeitos mais felizes significa dizer que quando lemos um livro ou ouvimos uma história, sentimos prazer, pois, a literatura infantil introduz os sujeitos no mundo de faz de conta. Por isso, acreditamos que elas nos tornam pessoas mais sensíveis, porque desperta os sentimentos mais secretos que temos dentro de nós, nos remetendo ao passado, fazendo com que sintamos o desejo de voltar a ser criança.

Por meio da literatura infantil e da prática da contação de histórias, a criança pode descobrir um mundo de fantasias, sendo capaz de estabelecer uma relação com a prática de leitura, buscando encontrar na figura dos personagens ficcionais, características reais, fazendo um elo com seu mundo real, potencializando seu conhecimento, criando novos hábitos e valores, buscando para a vida os bons ensinamentos advindos da ficção. De acordo com Cavalcanti:

O fato é que cada vez mais nossas crianças precisam ser estimuladas para o mundo da fantasia, não porque isso lhes garante o ópio, mas exatamente pelo contrário. A entrada no mundo encantado vai proporcionar a convivência com o seu mundo de dentro, no qual guardam medos, anseios, desejos. E, provavelmente, esse mundo não é nada desconhecido, portanto poder confrontar esse universo com outros vai dar uma dimensão diferente ao vivido, já que por mais amplamente diferentes que sejamos dos outros, cabem em nós sentimentos que são de ordem do universo (CAVALCANTI 2009, p. 52).

Dessa forma, a autora reforça que o mundo da fantasia faz uma conexão com o mundo real, pois, a literatura infantil estimula e transforma o pensamento das crianças, fazendo com que seu sentido seja ressignificado, por haver uma transformação da realidade. Quando a criança torna-se consciente da sua existência, ela exerce sua autonomia, podendo confrontar o

conhecimento, tornando-se livre para distinguir as emoções como: o medo, os anseios e os desejos.

A literatura infantil, por meio do conto, tem a função de estabelecer vínculos entre as pessoas, envolvendo-os no enredo, leitor e ouvinte, de modo que os personagens tenham o poder de proporcionar encantamento, desejo e prazer ao ouvir as narrativas. A partir dessa interação com a literatura, desses vínculos firmados é que se estabelece uma ponte de acesso a aprendizagem da escrita.

A relevância da literatura infantil no contexto escolar é proporcionar essas pontes de acesso através da oralidade. Esse recurso pedagógico está diretamente relacionado com a aptidão para a fala, pois antes mesmo da vida escolar e da alfabetização o aluno por meio da educação familiar inicia o processo de compreensão dos significados da linguagem através da oralidade.

Para Busatto (2010, p. 5) “a oralidade tornou-se um exercício de expressão das linguagens verbal e não verbal, porém, sempre simbólicas e representativas”. Ela em todo tempo está impregnada de formas diferentes de comunicação que possibilita o ser humano na aprendizagem dos códigos e símbolos da escrita. Porém, a oralidade que o professor utiliza na sala de aula deve ter representações significativas para seus alunos, contextualizadas com suas trajetórias de vida.

De acordo com Cavalcanti (2009, p.17) “A palavra é o fio condutor que nos permite traçar caminhos de integração entre a literatura e o psiquismo humano. Está impressa em toda forma de ação humana”. Este resgate conceitual possibilita identificar que a humanização se deu através da oralidade, descobrindo possibilidades de construir suas histórias, suas memórias, e dessa forma, construir pontes de acesso para que a escrita teça os sentidos e significados da oralidade.

A criança ao nascer é introduzida em um mundo falante, que usa a oralidade para se comunicar. A adaptação dela é possibilitada pelo contato com os pais, em um processo de aprendizado contínuo. Ao chegar à escola ela já tem um aprendizado proporcionado pela interação com o meio educativo que ela está inserida. As histórias infantis, o mundo de faz de conta, podem ser iniciadas em casa, porém sabemos que não é a realidade de todas as crianças, devido às condições sociais, econômicas, familiares e outros fatores.

Para as crianças que não tiveram esse contato com a literatura infantil, no seio de sua família, o papel da escola é ainda mais relevante, pois, proporciona a acolhida da criança. A escola diante deste fato será responsável em inserir esta criança no mundo do faz de conta, por meio da literatura infantil, transmitidos pela contação de histórias, e que posteriormente

possibilitará que essa criança faça o reconto com a utilização de novas palavras, com a finalidade do desenvolvimento da sua oralidade.

O primeiro contato do ser humano para desenvolver a oralidade é por meio da fala, que é desenvolvida desde os primeiros anos de vida, na interação com a família. Mas, com o passar dos anos, surge à necessidade de introduzi-lo no mundo da escrita, por meio da educação formal. O professor é o mediador responsável por apresentar esses códigos linguísticos.

Segundo Busatto (2010, p. 8) “a oralidade na sala de aula tem como objetivo estimular a comunicação oral, diferenciando no trabalho pedagógico práticas da linguagem escrita de práticas da linguagem oral”. Pois, a oralidade proporciona aos alunos uma interação social com seus pares, com o professor e amplia o repertório linguístico que utilizará em outros espaços.

Para Caldin (2002, p. 28) “no discurso oral, [...] o narrador pela entonação da voz, pelos gestos e pela forma de conduzir à narrativa, condiciona o ouvinte ao entendimento do narrado”. Não se pode usar a oralidade na contação de histórias de qualquer jeito, como em toda a disciplina a ser ministrada o professor deve planejar sua contação, tendo a percepção que a oralidade será o instrumento central, e que deve utilizar de alguns fatores relevantes para que ela seja compreendida e correspondida pelos alunos.

A oralidade na literatura infantil deve produzir interfaces para que os alunos percebam as conexões com a escrita. O docente deve se apropriar de técnicas diferenciadas para contar as histórias infantis e adotar uma linguagem que seja compreensível pelos alunos, pois, se ele utilizar no seu discurso, uma linguagem que eles não conheçam, o sentido da história pode se perder e as palavras pronunciadas de forma oral podem se distanciar do objetivo da contação.

O ensino da literatura infantil é algo fantástico, que possibilita ao aluno saberes escolares transmitidos de maneira diferenciada, de forma lúdica e dinâmica. A escola, não se resume apenas ao espaço físico, ela também é o espaço de socialização de aprendizagem, e tem papel fundamental na escolarização dos alunos e na transmissão dos conhecimentos de forma sistematizada.

A figura do professor como facilitador do processo de ensino e aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento escolar dos alunos, sendo ele responsável pela formação educacional, e também é o incentivador das práticas de leitura, que é o fio condutor do processo de desenvolvimento da oralidade.

As experiências que a criança adquire em lidar com as suas emoções, em encontrar soluções para os problemas do seu cotidiano, é muito mais rica quando é incorpora a

ludicidade, possibilitada pela literatura infantil por meio dos contos de fada. Constatar as consequências de seus atos e dos atos dos outros, sem que seja no mundo real possibilita uma espécie de “experiência sem dor”, e até mesmo a chance de fazer diferente. Funcionando como um ensaio para seu viver no mundo. Cavalcanti explica que:

Os jogos realizados durante a leitura/escuta das histórias maravilhosas arremessam-nos para a projeção, introjeção e identificação, operando em nós imagens de diversas naturezas. Por isso, o espaço do conto de fadas é tão fértil para que se fale da dor e do amor, pois aí se permite enraizar pelas zonas mais secretas da consciência humana e talvez chegar a conclusões conciliadoras, nas quais se pode ver a infância como estado permanente (CAVALCANTI, 2009, p.39).

A partir do que foi mencionado, podemos dizer que o espaço que a literatura infantil ocupa no campo educacional é tão fértil, que possibilita ao professor trabalhar com os alunos, dentro e fora da sala de aula, atividades que proporcionam momentos de interação, de construção coletiva, criando espaço para a socialização, fazendo contação de histórias, criando rodas de leituras, entre outros. Para os alunos esses momentos são muito importantes, porque aprendem os conteúdos escolares de maneira divertida.

Portanto, a literatura infantil colabora e contribui como incentivo para a leitura, porque tem um papel fundamental na formação de novos leitores. É muito importante que o professor busque subsídios para oferecer aos alunos conteúdos que envolvam a literatura infantil, de maneira que promova a socialização, ressignificando os conteúdos, promovendo contato com livros por meio de leitura coletiva, contribuindo na formação de novos leitores críticos, incentivando o manuseio de livros, aprimorando o gosto pela leitura e pela escrita e incentivando o desenvolvimento da oralidade, por meio do reconto.

#### **4 ORALIDADE NA LITERATURA INFANTIL MEDIADA PELO DOCENTE NOS CONTOS E RECONTOS**

Ao longo da história da humanidade, compreende-se que todos os povos, independente de cultura sempre utilizaram a linguagem para a comunicação. Sendo assim, segundo Marcuschi (1997) a oralidade é uma prática fundamental para a vida dos seres humanos, justamente por fazer parte das práticas sociais. Os seres humanos usufruem da prática da oralidade pela fala há séculos, bem diferente da prática da escrita, que só foi criada por volta de 4.000 a.C.

Em conformidade com Marcuschi (1997) tanto a oralidade como a escrita, ambas são instrumentos fundamentais para que os indivíduos realizem as mais diversas formas de discursos em seus cotidianos, ou seja, de praticarem suas interações sociais. A oralidade ocorre por meio da fala que “é adquirida naturalmente em contextos informais do dia-a-dia”. (MARCUSCHI, 1997, p.120).

Nesse sentido, utilizamos a oralidade em diferentes formas de manifestações no nosso dia a dia, como por exemplo, ao ouvirmos uma pessoa falar, mesmo que não estejamos vendo. Pela sua entonação de voz podemos definir se é um idoso, uma criança ou uma mulher. Podemos identificar sotaques de diferentes regiões brasileira, ou de outros países, bem como identificar sentimentos de tristeza, alegria ou de raiva.

Porém, o mesmo discurso falado de forma oral, não nos dá as mesmas possibilidades de identificação dessas características na escrita, ou seja, na oralidade envolvem-se questões situacionais. O que podemos observar segundo Bakhtin (1997) é que os seres humanos utilizam os mais diversos tipos de linguagens para interagir, e o seu uso ocorre em diversos campos das atividades humanas e o uso da língua, que também é definido como enunciados podem ser tanto orais quanto escritos.

A criança ao nascer tem seu primeiro contato com a oralidade por meio da sua família, porém, o desenvolvimento desta se dará com a ampliação no contexto escolar. De acordo com Cavalcanti (2002, p.28) a oralidade cria a “necessidade da escrita e do código impresso”. Ela argumenta que na família inicia-se um processo de educação oral, mas, é na escola que se amplia por meio da sistematização dos saberes escolares que estão impressos na oralidade e na escrita.

O desenvolvimento da oralidade no seio da família pode ser iniciado, pela prática dos contos de fadas e da literatura infantil, pois elas despertam o imaginário das crianças, transportando a fantasia para o mundo real sem perder a capacidade que consiste na

representação simbólica do mundo imaginário. Por meio do contato prematuro com os contos de fada e do contato direto com os livros, a criança pode torna-se um adulto com a capacidade afetiva de enxergar o mundo com um olhar mais abrangente, sensível e de doação.

A contação de histórias serve como recurso valioso no auxílio da prática educativa dos professores, porque as narrativas infantis despertam nas crianças a imaginação, a criatividade, melhora a prática da oralidade, facilita o aprendizado, desenvolve a escrita, a linguagem oral e visual, incentivam o prazer pela leitura, facilitam o aprendizado, trabalham as brincadeiras e promovem senso crítico (Cavalcanti 2002).

Segundo Cavalcanti (2002, p.28) “os relatos orais transmitidos de pessoa para pessoa, de geração para geração e de povo para povo, ganham outra dimensão e sentido quando eternizadas no registro da escrita”. Nesse sentido, a autora explicita a relevância da oralidade, na construção da história da humanidade, e essa relevância também é contemporânea, pois, mesmo com os registros da escrita, ela ainda se destaca na comunicação entre os seres humanos.

Por meio da oralidade, da literatura infantil e pelos contos de fada utilizados na sala de aula, de forma contínua, como fonte de informação, ela desperta a imaginação das crianças, servindo de recurso pedagógico para promover o interesse pela prática da leitura. Para Coelho (1999, p.11) “A força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva”.

Ainda segundo Coelho (1999), os contos de fada são tão mágicos, que tem o poder de contagiar narrador e ouvinte, a ponto deles confundirem o mundo imaginário com o mundo real. Uma história bem narrada é como uma obra de arte faz com que todos se envolvam no enredo. Uma boa história tem poder de comover e envolver os sujeitos, despertando sentimentos, tornando-os reflexivos, mais sensíveis e fazendo até mesmo o adulto sentir o desejo de voltar a ser criança.

Para esse fim, o professor precisa ser sensível e deve ter percepção da necessidade de compreender quem são os múltiplos sujeitos que estão na sala de aula, buscando conhecer o contexto social de cada um, principalmente os aspectos do processo de aprendizagem e do desenvolvimento deles. O professor ainda na organização do seu trabalho pedagógico poderá trabalhar não apenas os aspectos relacionados ao cognitivo do aluno, mas também o emocional, ter à compreensão de que o ser humano não é um sujeito fragmentado, mas um ser integral. Pois:

Não se pode pensar numa infância a começar logo com gramática e retórica: narrativas orais cercam a criança da Antiguidade, como as de hoje. Assim, mitos, fábulas, lendas, teogonias, aventuras, poesia, teatro, festas populares, jogos, representações várias ocuparam, no passado, o lugar que hoje concedemos ao livro infantil. [...] quase se lamenta menos a criança de outrora, sem leituras especializadas, que as de hoje, sem os contadores de histórias (MEIRELES 1984, *apud* CALDIN, 2002, p. 26).

Diante do exposto, para que a aprendizagem não seja transmitida de forma tradicional, é importante que a criança tenha desde cedo contato com livros da literatura infantil, que o professor busque nas suas práticas pedagógicas subsídios que tornem a contação articulada com novas metodologias de ensino, para que se desconstrua o modelo de ensino tradicional, onde o aluno deixe de ser passivo na sala de aula, tornando-se o sujeito central do processo de ensino-aprendizagem.

Nesse processo, o aluno quebra a cultura do silêncio, imposta pela pedagogia tradicional, participando ativamente das aulas por meio dos recontos, recriando a história de acordo com a sua imaginação, sem a intervenção direta do professor. Nesse caso, o aluno torna-se o protagonista da sua aprendizagem devido à apropriação do poder criativo, possibilitado por uma pedagogia diferenciada.

Na escola, o aluno passa por momentos de transformações no seu desenvolvimento, e o professor, diante disso, pode recorrer a metodologias para trabalhar, que utilize a literatura infantil e o conto para contextualizar todas as mudanças inerentes ao desenvolvimento oral dos alunos. Assim afirmamos por acreditar que elas podem possibilitar o seu acesso aos signos da escrita e será imerso na cultura letrada da sociedade, onde firmará seu pertencimento.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018, p.58) “as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo”. Portanto, é fundamental o papel do professor como mediador do processo de interação do aluno em diversos espaços que ocupa, agregando saberes por meio das relações estabelecidas.

O Parecer da CNE/CEB nº 11/201029, menciona que “os conteúdos dos diversos componentes curriculares [...], ao descortinarem às crianças o conhecimento do mundo por meio de novos olhares, lhes oferecem oportunidades de exercitar a leitura e a escrita de um modo mais significativo” (BRASIL, 2010). É nesse sentido que se faz necessária a mediação do professor dentro da proposta curricular, descortinando possibilidades para oportunizar ao aluno acesso a gêneros textuais diversificados. O conto e o reconto, nesse sentido, possibilita esse novo olhar frente ao currículo do Ensino Fundamental. Ainda de acordo com a BNCC:

Ao longo do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, a progressão do conhecimento ocorre pela consolidação das aprendizagens anteriores e pela ampliação das práticas de linguagem e da experiência estética e intercultural das crianças, considerando tanto seus interesses e suas expectativas quanto o que ainda precisam aprender. Ampliam-se a autonomia intelectual, a compreensão de normas e os interesses pela vida social, o que lhes possibilita lidar com sistemas mais amplos, que dizem respeito às relações dos sujeitos entre si, com a natureza, com história, com a cultura, com as tecnologias e com o ambiente (BRASIL, 2018, p. 58).

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) destaca que a aprendizagem deve ser progressiva, tendo relação com os saberes anteriores, e nesse contexto a contação de história pode ser um recurso a mais no currículo, em prol da ampliação do repertório lingüístico para a autonomia do aluno. Ao que parece, a contação fomenta a aprendizagem no decorrer do seu desenvolvimento, pela leitura de mundo realizada através da literatura infantil.

É importante ressaltar, nesse sentido, a importância de o professor escolher boas histórias, sendo necessário adotar critérios que são essenciais, buscando respeitar a faixa etária das crianças para que a história a ser contada não se torne cansativa, considerando que normalmente, elas preferem os enredos menores. Além de terem interesse, por histórias pequenas, simples, com assuntos que estejam relacionados ao cotidiano, buscando não distanciar muito da sua realidade.

A esse respeito Coelho (1999) diz que a escolha da história funciona como uma chave mágica, porque requer habilidades para que seja remanejada e, é importante que haja por parte do professor empenho e conquista na hora de definir o que será contando, pois, uma escolha assertiva tem mais probabilidade de se alcançar os resultados desejados, que são o gosto pela leitura e o desenvolvimento da oralidade. Esse gosto pela leitura oportunizado, pelas experiências com a literatura infantil, contribui, segundo a BNCC, para o:

[...] estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatuñas e, à medida que vão conhecendo letras, em *escritas espontâneas*, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua (BRASIL, 2018).

Sendo assim, a BNCC referencia a necessidade do currículo no Ensino Fundamental de abordar a literatura infantil, pois, elas auxiliam os alunos no processo de leitura e escrita,



tanto no nível pré-silábico quanto na alfabetização. Na realidade educacional brasileira encontram-se alunos em distorção idade-ano que nem se quer sabem ler ou escrever, e a literatura infantil pode contribuir para auxiliar o processo de aprendizagem na lectoescrita.

Em geral o que se percebe é que a literatura infantil é um campo fértil para o crescimento educacional e social das crianças. O professor que promove a prática do uso da literatura infantil através das lendas, dos contos de fada e de ficção na sala de aula cria possibilidades de conhecimentos e ações, que de maneira plural estimula as emoções, os desejos, o medo, o amor, a tristeza e outros sentimentos. Também amplia a capacidade afetiva, por ser um campo propício para processo educativo. Para Cavalcanti (2009):

A literatura pode ser para criança o espaço fantástico para a expressão do seu ser, exercícios plenos da sua capacidade simbólica vestem trabalhar diretamente com elementos do imaginário, do maravilhoso e do poético. Amplia o universo mágico, transreal da criança para que esta se torne adulto mais criativo, integrado e feliz (CAVALCANTI, 2009, p. 40).

Dessa forma, Cavalcanti (2009) explicita que o professor deve ter a sensibilidade para entrar no universo da literatura infantil, e buscar elementos que possam contribuir para que os alunos adentrem na história e participem de forma ativa. Buscando dentro de si um imaginário, possibilitado no processo de aprendizagem por meio da literatura infantil. Nessa mediação, o professor esta intervindo para a construção de um repertório lingüístico por meio do contato dos alunos com imaginário extraído dos contos de fada. De acordo com a BNCC (2018, p. 58):

Ampliam-se também as experiências para o desenvolvimento da oralidade e dos processos de percepção, compreensão e representação, elementos importantes para a apropriação do sistema de escrita alfabética e de outros sistemas de representação, como os signos matemáticos, os registros artísticos, midiáticos e científicos e as formas de representação do tempo e do espaço. Os alunos se deparam com uma variedade de situações que envolvem conceitos e fazeres científicos, desenvolvendo observações, análises, argumentações e potencializando descobertas. (BRASIL, 2018, p.58).

Portanto, reconhecemos a importância do nosso papel docente para que a contação de histórias, seja um elemento prazeroso, sendo isto permitido quando, ao buscarmos extrair os conteúdos da literatura infantil, o fazemos estimulando nas crianças os seus imaginários. Pois, todos esses elementos são constitutivos na potencialização da contação de história.

No que correlaciona ao desenvolvimento da oralidade no Ensino Fundamental, de acordo com a BNCC (2018), em relação à área das Linguagens no componente da Língua

Portuguesa, ela tem como objetivo fazer com que os alunos tenham contato com as mais variadas formas e tipos de linguagens, no que compete à escola dar continuidade ao que se aprendeu na Educação Infantil, em que essa área possibilite o desenvolvimento das competências específicas.

A BNCC também leva em consideração alguns princípios e pressupostos para a área de Linguagem tendo alguns eixos de integração para as práticas de linguagem, como é o caso da leitura/escuta, produção escrita e multissemiótica, análise linguística, e principalmente a oralidade que está definido como eixo que:

[...] compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, *webconferência*, mensagem gravada, *spot* de campanha, *jingle*, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, *playlist* comentada de música, *vlog* de *game*, contação de histórias, diferentes tipos de *podcasts* e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação (BRASIL, 2017, p.78-79)

Nesta perspectiva, as escolas precisam trabalhar no Ensino Fundamental atendendo os eixos de integração das práticas de linguagens, no sentido de desenvolver habilidades da criança para o uso de diversas linguagens. É também a Base Nacional Comum Curricular-BNCC (2017) propõe que às escolas oportunizem práticas pedagógicas com atividades que visam, por produções e compreensão de textos orais, cujo objetivo seja o desenvolvimento de competências específicas que garanta a formação dos alunos para serem sujeitos mais conscientes e críticos ao fazer o uso da oralidade no seu cotidiano.

A proposta da BNCC (2018) é a ampliação do multiletramento, com isso as atividades de oralidade devem ser trabalhadas com alunos, com iniciativas visando tanto à produção e compreensão de textos não só escritos, mas que sejam inclusos os mais variados tipos de gêneros orais para que os alunos oralizem.

Entre os gêneros textuais, a oralidade na literatura infantil para prática docente, através dos contos e recontos, proporciona aos alunos não só fazer escuta, mas também de oportunizá-los fazer o reconto da história contada. Esse momento é importante, pois a criança também passa a interagir com os colegas as suas impressões e sentidos que construiu da história, em o “sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação” (KOCH, 2001, p.25).

Nesse ponto de vista, compreendemos que o docente deve oportunizar o reconto para que as crianças oralizem para seus colegas de sala de aula, qual foi o sentido que construiu a

partir da história, bem como a informação obtida. Por meio dessa interação as crianças também reconstroem todo o seu vocabulário, crenças e valores.

Com base nestas reflexões, entendemos que o nosso papel, enquanto docentes é buscar se apropriar dos conhecimentos literários infantis e saber sobre as descrições das habilidades que terá que desenvolver na sala de aula, com os alunos. Parece também ser necessário repensar como se dá o ensino e a avaliação das aprendizagens no trabalho com a oralidade.

Ademais, a atenção docente em relação ao trabalho com a oralidade, de acordo com a BNCC (2018) consiste na formação de cidadãos críticos e conscientes, que saibam fazer o uso da oralidade, ou seja, dessa prática nas diversas situações com o real da vida cotidiana. Assim, vale a pena o professor, em sua prática educativa, venha incrementar em seu planejamento, recursos de linguagens que visam por objetos de conhecimentos:

Oralidade pública/Intercâmbio conversacional em sala de aula; Escuta atenta; Características da conversação espontânea; Aspectos não linguísticos (paralinguísticos) no ato da fala; Relato oral; Registro formal e informal; Contagem de histórias; Produção de texto oral; Planejamento de texto oral Exposição oral; Forma de composição de gêneros orais; Variação linguística; Escuta de textos orais; Compreensão de textos orais; Declamação; Performances orais (BRASIL, 2017, p.94-135).

Para essa finalidade, o docente quando conhece os objetos de conhecimento proposto pela BNCC (2017) tende a possibilitar um processo de ensino aprendizagem mais compreensível, para que de fato ocorra o desenvolvimento de novas habilidades para a oralidade.

Em síntese, acreditamos que no fazer pedagógico esse movimento de busca por uma melhor qualidade de textos a serem trabalhados na sala de aula. Principalmente, priorizar textos que sejam transmitidos de forma oral, uma vez que as escolas muitas vezes se utilizam somente da escrita. Ou seja, os alunos precisam de uma formação que lhes garantam novas habilidades, para terem condições de solucionar problemas da vida diária por meio das práticas discursivas em saber fazer valer o seu ponto de vista e posicionamento na sociedade.

## **5 DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES DE ORALIDADE POR MEIO DA LITERATURA INFANTIL**

Nesse capítulo, refletimos sobre as atividades de oralidade por meio da literatura infantil, instrumento do docente em sala de aula para a produção do conhecimento sistematizado. Ou seja, sobre os meios que podem ser utilizados para o processamento de informações relevantes para a aprendizagem dos alunos. Estamos entendendo que elas podem auxiliar no desenvolvimento de várias habilidades dos alunos, além da socialização com seus pares.

É importante ressaltar que a oralidade na literatura infantil não deve estar desconectada com a sequência de atividades propostas após a contação. Ela é o início da sequência pedagógica que abrirá caminhos para que o aluno deseje aprender os próximos conteúdos. Nesse sentido é importante que o docente esteja atento para que não produza atividades que estejam sem nexos com a proposta do processo de ensino e aprendizagem.

Busatto (2010) sugere atividades como trabalhar o nome próprio do aluno, na qual irá possibilitar o desenvolvimento da memorização e da noção de sequência, além do reconhecimento do nome dos colegas e na socialização e desinibição. O autor chama essa atividade de roda acumulativa, pois, através dela o professor pode trabalhar diferentes conteúdos da língua portuguesa.

Outras atividades que potencializem a sonoridade, como a pronúncia do próprio nome, podem também auxiliar o aluno na apreciação e experimentação da rima e do ritmo, ou seja, uma riqueza a ser explorada pelo docente no reconhecimento do aluno desses sons contidos nos fonemas, que contribuem tanto, no processo da alfabetização, quanto no processo de escolarização.

De acordo com Filipouski (1991, p. 108) “a escola se torna o lugar ideal para a promoção do hábito de ler nas crianças e nos jovens, devendo então se preocupar em desenvolver estratégias para o ensino eficaz da leitura”. É nessa perspectiva que se mostra importante que o docente introduza em sala de aula a oralidade. Assim entendemos que ele é o mediador da aprendizagem do aluno, podendo propor meios para que ela aconteça, de forma que tenha sentido para o aluno.

As atividades de oralidade desenvolvidas dentro do planejamento da aula devem estar articuladas, de modo a propiciar a compreensão do aluno dentro da proposta de ensino. Na expectativa é que no momento que o aluno, ao compreender as informações da oralidade

passadas pelo professor na sala de aula, e esse aluno passe para os estágios seguintes, dos anos escolares, tendo a apropriação dos saberes que foram adquiridos através da interação no processo de ensino e aprendizagem.

Proporcionar o desenvolvimento do aluno na aprendizagem com a oralidade de literatura infantil contribui para o encontro dele com a educação formal de forma prazerosa, sem ter que enxergar esse espaço pela obrigatoriedade dos pais, mas, encontra nele um espaço de estímulos para que se desenvolva em sua integralidade.

Com efeito, se faz necessário um planejamento que reflita e oriente como se dá a apropriação do texto para que ele motive o aluno a interessar-se pela história. E por meio dessa compreensão, a atenção do aluno e o desejo de aprender sejam alimentados.

Na sala de aula, práticas de oralidade como: contação de histórias, recontos, das rodas de conversas com os alunos, possibilitam aos alunos observarem aspectos da linguagem e da comunicação oral que, mediados pelo professor, que assume um papel relevante para que os alunos possam perceber como se constrói essas práticas de linguagem.

Nessa aprendizagem, o aluno pode perceber na oralidade, com seus pares e professores, o que precisa, ou pode ser melhorado. Adequando ao seu discurso, as estruturas linguísticas do seu contexto cultural, não apenas através da escrita. O aluno dessa forma desenvolve habilidades para a comunicação e a interação social que envolve elementos constitutivos que irão agregar informações pertinentes para o seu desenvolvimento comunicacional.

Busatto (2010) explicita sobre a relevância de o professor ler em voz alta na sala de aula, e se possível todos os dias. Ainda segundo esse autor, mesmo sendo uma atividade simplista, assegura a formação do leitor e serve de estímulo para o aluno ler em voz alta. Percebendo dessa forma as características fundamentais da fala, como fluência e ritmo, até mesmo questões gramaticais como a pontuação correta e a intencionalidade do texto.

A observância da literatura nas atividades de oralidade, também deve ser pontuada. Pela relevância da sua representação, devem ser escolhidas de acordo com o perfil dos alunos. Para que não se torne desinteressante e se perca a oportunidade dos alunos participarem de uma atividade que proporcione aprendizado.

Ainda a respeito das atividades de oralidade Busatto (2010), pontua que elas servem para ativar o imaginário das crianças, além de propiciar estímulo a capacidade narrativa dele por meio dos sons, auxiliando no uso de linguagens não convencionais para a criação de sentido. Uma dessas atividades o autor chama de operatória, ela estimula a sonorização para a criação da história com a interação dos alunos, por meio de sons diversificados, e que produzem sentidos quando oralizadas.

Ainda segundo Busatto (2010), essa exploração da percepção sonora para o desenvolvimento cognitivo do aluno contribui de forma a produzir mecanismos de memória e de percepções do mundo. Até mesmo seu pertencimento a determinado grupo social, pela combinação de elementos constitutivos igualitário da sua espécie.

A oralidade direciona as atividades na concretude de objetivos formulados para aprendizagem. No momento que o professor inicia uma aula, que a utiliza, o ouvinte da história, demonstra a sua compreensão no momento que a referência de forma a recontar, diferenciando os personagens, e distinguindo quem é quem. Essa formatação é um caminho seguro para a construção do conhecimento.

Peukert (1976) *apud* Zilberman (2003) enfatiza que a criança tem uma compreensão diferenciada do adulto, ela se baseia nas relações sociais primárias e nas próprias atividades. As histórias infantis desempenham uma forma de comunicação sistemática das relações da realidade, através da objetividade corrente. Elas são conceituadas pelo autor como uma espécie de teoria especulativa, atividade imediata social e individual da criança. Busatto afirma que:

A narração oral de histórias é uma chave, que abra a porta para o processo de alfabetização, significa mais do que o simples uso de uma metáfora para ilustrar essa aquisição conquistada pela criança. Implica colocar a oralidade no seu devido lugar, ou seja, ocupando um espaço privilegiado na formação do ser humano. Sabemos que os anos iniciais do ser humano encaminham ao letramento e à alfabetização, e que o desenvolvimento da linguagem oral é etapa importante na aprendizagem (BUSATTO, 2010, p. 6)

Sendo assim, as atividades que são desenvolvidas por meio da literatura infantil contribuem nessa aprendizagem inicial do aluno na lectoescrita, partindo da narração oral que aponta para a construção de elementos indispensáveis que o aluno necessita nessa fase inicial de educação não formal. O professor ao possibilitar o ingresso do aluno, através da imaginação criada pela literatura infantil, o conduz no caminho de descobertas e das suas capacidades intelectuais, além de poder trabalhar suas emoções.

Ademais, estudos como o de Busatto (2010), revelam que a criança escuta a história que é contada, e a partir da identificação com o cenário, o contexto e os personagens, ela se envolve com a temática e abre espaço para aprender a ler e a querer recontar a história. O recontar é importante socialmente, mas logo a criança percebe que o material escrito é fidedigno, e deseja adotar para si a capacidade de ler e escrever.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2010, p. 75) discorre sobre os objetivos que as práticas orais devem alcançar para proporcionar ao aluno a compreensão das práticas

da linguagem que ocorre nas situações de oralidade na sala de aula. Para esse documento as práticas sociais compreendem:

Refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos orais e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multimodalidade e a multissemiose; Conhecer e refletir sobre as tradições orais e seus gêneros, considerando-se as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram. Proceder a uma escuta ativa, voltada para questões relativas ao contexto de produção dos textos, para o conteúdo em questão, para a observação de estratégias discursivas e dos recursos linguísticos e multissemióticos mobilizados, bem como dos elementos paralinguísticos e cinésicos; Produzir textos pertencentes a gêneros orais diversos, considerando-se aspectos relativos ao planejamento, à produção, ao *redesign*, à avaliação das práticas realizadas em situações de interação social específicas; Identificar e analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas de volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização, expressividade, gestualidade etc. e produzir textos levando em conta efeitos possíveis. (BRASIL, 2018, p. 75).

Dessa forma, entende-se que a história tanto contada quanto lida necessita de reflexão para que seu entendimento aconteça. Isto porque se for oferecida apenas à história e não houver o debate do contexto, do seu cenário, o recurso literário não atingirá os objetivos.

Vale ainda lembrar a importância de articular as atividades com o nível de conhecimento e idade das crianças. Com isto, o que se espera é o enriquecimento cultural, o do papel ativo do cidadão, e principalmente mostrar ao aluno qual o papel da escrita e leitura para o desenvolvimento da oralidade.

Dando continuidade, registra-se que o mesmo papel da oralidade para a escrita é amplamente discutido por diversas áreas do conhecimento, como a Linguística, a História, a Sociologia e outros, mas o que se ressalta neste trabalho é o caminho de volta, que é justamente o papel da escrita para a oralidade, pois este representa algo possível para a criança. A escrita como instrumento da oralidade da voz a criança e as suas necessidades.

Nessa direção, outra atividade trazida por Busatto (2010) o que acontece através de círculo de palavras, no qual tem como objetivo a organização da linguagem oral e sua expressão, como também o conhecimento das emoções pelo aluno. Esse círculo é um espaço criado para exercitar a linguagem oral, vindo a estimular a narração de um episódio que aconteceu no cotidiano do aluno.

Essa atividade trazida pelo autor possibilita trabalhar a memória do aluno, e o estimula para que, no momento da atividade ele dê nome às emoções que surgiram durante o relato. O professor pode ainda nessa perspectiva trabalhar os sentimentos, o que eles provocam no

aluno, tanto as sensações, quanto os estados de ânimo que ele pode estar sentindo, ou mesmo, descobrir no momento do relato.

Busatto (2010) salienta que as atividades de oralidade permitem ao professor mediar uma aprendizagem que conduz o aluno a refletir sobre as ideias do outro e contrapô-las as suas próprias, podendo argumentar e contra argumentar, estimulando tanto a dimensão epistemológica, quanto outros níveis de atividade. Durante todo o trajeto de atividades com oralidade, o professor pode estar atento para esclarecer dúvidas que visam dificultar, ou mesmo prejudicar a aprendizagem.

Outro benefício das atividades de oralidade é que elas possibilitam o desenvolvimento do trabalho coletivo, viabilizando a criação de produções textuais, bem como, promove o cooperativismo, através da formação de pequenos grupos, buscando discutir e socializar o aprendizado, de forma oral, para que todos se envolvam na trama do enredo. A realização de trabalhos em grupo no espaço da sala de aula é nesse sentido, bastante rica para a socialização da aprendizagem (Busatto, 2010).

Ainda em relação a estas atividades desenvolvidas com alunos para trabalhar a oralidade, estudos revelam que elas auxiliam as expressões sonoras e corporais, por meios da música, jograis, peças teatrais dentre outras.

A autora ainda destaca que quando o professor promove atividades de desenvolvimento da oralidade, ele pode explorar diversos recursos que possibilitem as crianças verbalizarem suas expressões, e ao mesmo tempo trabalhar os movimentos corporais, através da dança, de recitais e de atividades que os alunos se movimentem usando, os braços, as pernas, o tronco, explorando o corpo todo (Busatto, 2010).

Outra possibilidade de desenvolvimento da oralidade são as atividades teatrais, pois, o teatro tem o poder de fazer os alunos trabalharem coletivamente, para si e também para o outro, pois o enredo da metodologia permite que haja a comunicação verbal entre os alunos, possibilitada de maneira intencional, pelo planejamento sistematizado das atividades que é feito previamente pelo docente.

Não sem razão, é importante lembrar que para Busatto (2010) toda atividade com finalidade educativa, precisa ser pensada e planejada previamente, porém, quando as atividades são executadas sem um planejamento, elas tendem a não alcançar o objetivo proposto.

Nessa direção, uma das propostas no planejamento deve contemplar o incentivo a leitura na sala de aula em voz alta, porque tem como objetivo a apreciação da estética da linguagem para reforçar as narrativas orais, possibilitando o enriquecimento do vocabulário



de palavras dos alunos, que ao escutar novos termos e novas palavras, ele a tem possibilidade de repensar seus discursos e práticas orais, ampliando o seu vocabulário de palavras.

Outra contribuição das atividades de oralidade, é o *link* que eles permitam que seja feito entre o mundo imaginário com o mundo real, possibilitando a ele, distinguir os vilões dos heróis, sabendo diferenciadas personagens, as pessoas, o bem e o mal. Através da leitura o aluno vai descobrindo seus valores, sentimentos e afetos, através da contação de histórias ele busca compreender a magia do mundo desconhecido, e através do reconto ele pratica e desenvolve a oralidade. Cavalcanti (2009) revela que:

Na realidade, o mundo do conto de fadas é transreal. Habita o a-espacial e vive no atemporal do “Era uma vez...”, Num reino muito... muito distante...”, de um tempo passado num lugar qualquer. Mergulhar no “Era uma vez...”, é de certa forma se libertar do tempo cronológico para alcançar um tempo metafísico, onde tudo é eterno, convite para transcender o material e adentrar nas camadas mais profundas do psiquismo humano (CAVALCANTI, 2009, p. 50).

A referida autora argumenta que os contos de fadas trazem uma representação simbólica do mundo do faz de conta, permitindo que o sujeito possa fazer uma viagem no mundo imaginário, saindo do seu eu, para experimentar emoções possibilitadas pelo fantástico mundo da fantasia, e vivenciando um mundo mágico, que lhes permite sair do mundo convencional da sua realidade, fazendo uma viagem no tempo, quebrando barreiras, uma vez que os contos de fadas permitem que os sujeitos, sejam capazes de entender seu destino, através da fantasia.

Diante do exposto, podemos afirmar que as atividades de oralidade, estimulam o desenvolvimento da linguagem oral, possibilita uma interação entre os sujeitos, proporcionando o enriquecimento no vocabulário de palavras do aluno, promove o desenvolvimento do trabalho coletivo, auxilia nas expressões corporais, no desenvolvimento da fala, e trabalha a memória do aluno.

Os contos de fada propiciam aos sujeitos, uma viagem no mundo de fantasias, estabelecendo pontos da história com acontecimentos reais do passado, podendo estabelecer uma conexão com o mundo real e o mundo do faz de conta, transcendendo o imaginário e, também proporciona uma interação entre os sujeitos.

Sendo assim, destacamos a importância de contação de história no currículo escolar dos alunos do Ensino Fundamental, pois, a literatura infantil possibilita dinamizar o trabalho do professor, por ter uma flexibilidade na sua aplicação. A literatura infantil ainda se constitui uma forte aliada no processo de ensino e aprendizagem, pela sua forma lúdica de ser trabalhada, facilitando a aprendizagem da leitura, do processo de alfabetização, bem como, na prática oral.

Portanto para propor aos alunos esses recursos pedagógicos de forma satisfatória, o professor pode desenvolver uma metodologia diferenciada, de forma lúdica, estimulando a interação entre os alunos, promovendo rodas de conversa, para que as aulas sejam atraentes e, não se tornem cansativas. No próximo capítulo, iremos desenvolver o percurso metodológico adotado para a elaboração deste trabalho.

## 6 PERCURSO METODOLÓGICO

No processo de aprendizagem acadêmica é necessário percorrer caminhos metodológicos, para que o pesquisador se aproprie do rigor científico. Dessa forma, existe todo um percurso para que os trabalhos científicos possam ser elaborados a partir de uma metodologia.

De acordo com Minayo (2002, p. 16) “Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Para tanto a metodologia é todo o percurso da pesquisa, sua prática, sua técnica, advinda de uma idéia, ou seja, uma problemática que o pesquisador pretende investigar, com objetivo de alcançar resultados concretos.

Gil (2008, p. 8) define a metodologia de um trabalho científico como método, pois, segundo ele “Pode-se definir método como caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”. Ela vem delinear o passo a passo dos procedimentos empregados na construção teórica de todos os meios que a pesquisa se utilizou.

Os caminhos que percorremos para a chegada dos métodos dessa pesquisa foram às visitas realizadas na escola pesquisada, a observação participante, as oficinas temáticas aplicadas com os alunos, as rodas de conversas, e todos os estudos teóricos realizados ao longo do período que estabeleceu o método desse estudo.

Portanto, para se chegar ao método da pesquisa se faz necessário que o pesquisador tenha conhecimento do assunto a ser pesquisado, sendo um sujeito sensível, e curioso. Procurando estabelecer uma dialética, associando os conhecimentos prévios, estabelecendo uma relação com os saberes pedagógicos e científicos.

### 6.1 O tipo de pesquisa: a pesquisa qualitativa

A descrição feita nessa pesquisa possibilita que se encontrem elementos, para se trabalhar as questões que foram apontadas nos objetivos. Aproximando dessa forma a objetividade dos acontecimentos, tanto da subjetividade dos sujeitos da pesquisa, quanto do pesquisador.

Do ponto de vista da abordagem do problema a pesquisa foi qualitativa, que segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 70) “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real

e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”.

A pesquisa qualitativa busca investigar e estabelecer as ações realizadas pelo homem, bem como, buscar significados, pois, esse movimento dinâmico possibilita verificar que os elementos imersos na pesquisa, que apontam dados para que se construam afirmações no decorrer da pesquisa. Para Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, p. 21).

De acordo com a autora, a pesquisa qualitativa vem abordar de forma mais minuciosa todos os dados através de elementos subjetivos, que não se materializam, mas, que são expressos pelo próprio sujeito da pesquisa e pelas relações estabelecidas no ambiente na qual ele está inserido.

## 6.2 A forma de trabalho de campo: a pesquisa participante

Quanto à forma do trabalho de campo, a pesquisa realizada foi participante, que de acordo com Prodanov (2003, p.67) é aquela que “se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas”. O pesquisador se posiciona dialogicamente para que possa obter aproximação com os sujeitos participantes da pesquisa. Para Gil essa pesquisa envolve:

A distinção entre ciência popular e ciência dominante. Essa última tende a ser vista como uma atividade que privilegia a manutenção do sistema vigente e a primeira como o próprio conhecimento derivado do senso comum, que permitiu ao homem criar, trabalhar e interpretar a realidade, sobretudo a partir dos recursos que a natureza lhe oferece (GIL, 2002, p. 55).

Portanto, para que a pesquisa seja participativa e os saberes se tornem científicos, é necessário investir no conhecimento prévio dos sujeitos, valorizando a sua cultura, suas relações pessoais e sociais, buscando inseri-los no contexto educacional, para que haja uma participação plena dos deles no processo educativo e fazendo um aprimoramento desses saberes, que são muito importantes para a natureza dos sujeitos.

Vale salientar que para fazer o levantamento dos dados da pesquisa, foi feita uma revisão bibliográfica que possibilitou a discussão com os estudiosos dos temas aqui pesquisados: literatura infantil, contação de história e oralidade.

A pesquisa de campo se faz necessário para o pesquisador, porque é através dessa que se realizou a coleta dos dados. Gil (2002) descreve o estudo de campo como:

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias (GIL, 2002, p. 53).

Sendo assim, a pesquisa de campo é de suma importância, pois, é por meio dessa ferramenta que o pesquisador tem o contato direto com o seu objeto de estudo, podendo desenvolver sua observação e fazer suas anotações dentro ou fora do espaço, para posteriormente construir e fundamentar sua pesquisa.

Com base em Minayo (1992), “concebemos campo de pesquisa como recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representado uma realidade empírica e ser estudada a partir das concepções de teorias que fundamentam o objeto da investigação”.

O local escolhido onde ocorreu a pesquisa foi na Escola de Educação Básica da UFPB – EEBAS, na turma do 4º ano do Ensino Fundamental. Para realizar a pesquisa na escola, contamos com a autorização da gestora, senhora que nos prestou uma ótima acolhida e nos conduziu a sala do 4º ano e nos apresentou à professora da turma, que posteriormente nos deu todo o apoio pedagógico.

Os alunos também nos foram apresentados, e posteriormente informados das atividades que seriam realizadas com os mesmos. Ao longo das observações pudemos observar a *práxis* da professora, nos permitindo ter contato com o trabalho docente, bem como, tendo oportunidade de conhecer a rotina de uma sala de aula.

Para a coleta de dados, realizamos algumas intervenções pedagógicas, que foram aplicadas em formato de oficinas temáticas de contação de histórias, com objetivo de trabalhar com os alunos o desenvolvimento oral, usando o reconto das histórias para estimular o desenvolvimento da oralidade deles.

As observações tiveram início no mês de maio de 2019, no horário matutino, na turma do 4º ano do Ensino Fundamental. Na turma foram matriculados dezesseis alunos, mas

atualmente só freqüentam quinze, sendo nove meninos e seis meninas. E nos meses de julho e agosto do corrente ano foram realizadas quatro oficinas temáticas de contação de histórias, todas com duas horas de duração.

A primeira oficina de contos e recontos, intitulada como “*A lagartixa Cauê*”, foi aplicada no dia 26 de julho de 2019, onde trabalhamos a contação de histórias. Na sala de aula havia quinze alunos. Nós convidamos dois deles para fazer o reconto com objetivo estimular a pratica da oralidade. Segue o plano das atividades desenvolvidas:

**Quadro 08**– Plano de atividades desenvolvidas da primeira oficina (Conto e reconto)

Contação de história - “A lagartixa Cauê”	
Data	26/07/2019
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contar a história “A lagartixa Cauê”;</li> <li>- Discutir o texto;</li> <li>- Convidar alunos da sala para fazer o reconto da história;</li> <li>- Aplicar questionário.</li> </ul>
Tempo de duração	02 horas
Conteúdo	Literatura infantil “A lagartixa Cauê”
Procedimentos Metodológicos	Inicialmente fizemos uma discussão com os alunos para saber se eles gostam de contação de história. Depois fizemos a distribuição do texto “A lagartixa Cauê”, então realizamos uma leitura conjunta para que todos pudessem acompanhar a história. Em seguida fizemos uma roda de conversa para saber o que eles entenderam sobre a história. Convidamos dois alunos da sala para fazer o reconto sem a história. Realizamos uma roda de conversa. Realizamos a aplicação de um questionário para que os alunos respondessem as perguntas, para que pudéssemos analisar o que eles fixaram sobre a história. Por fim ministramos uma oficina de uma lagartixa de mosaico.
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cópias da história “A lagartixa Cauê”;</li> <li>- Questionários;</li> <li>- Cartolina;</li> <li>- E.V.A de diversas cores;</li> <li>- Cola;</li> <li>- Tesoura.</li> </ul>
Avaliação	A avaliação se deu por meio da participação dos alunos nas atividades, pela realização do reconto e pela construção dos trabalhos propostos na oficina.

Fonte: Projeto de intervenção (Julho, 2019).

A segunda oficina de contação de história, intitulada “*Menina bonita do laço de fita*”, foi realizada no dia 07 de agosto do corrente ano. Nessa oficina nós trabalhamos a diversidade

de raças, incentivando nos alunos o gosto pela leitura, trabalhando oralmente a história. Segue o plano de atividades:

**Quadro 09**– Plano de atividades desenvolvidas da segunda oficina (Contação de história)

Contação de história - “Menina bonita do laço de fita”	
Data	07/08/2019
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contar a história “Menina bonita do laço de fita”;</li> <li>- Incentivar o gosto pela leitura;</li> <li>- Trabalhar a diversidade;</li> <li>-Trabalhar oralmente as características da menina, associando as comparações do texto;</li> <li>- Criar um cartaz de uma menina/mulher negra.</li> </ul>
Tempo de duração	02 horas
Conteúdo	Literatura Infantil “Menina bonita do laço de fita”
Procedimentos Metodológicos	Inicialmente retomamos a discussão com os alunos para saber se eles se lembram da história que contamos na oficina anterior e, para saber se eles gostaram. Depois iniciamos a oficina apresentando a história da autora e do livro, aproveitando tudo o que ele possa oferecer, proporcionando um tempo para que os alunos observassem cuidadosamente. Pedimos às crianças que desenvolvam trabalhos manuais sobre desenhos e pinturas africanas, com ênfase na história da África, lembrando o que dizia a história da menina quando diz que ela é “uma princesa das terras da África” ou “Uma fada do reino do luar”, questionamos para saber o que eles entenderam com as expressões, com ênfase na história da África. Construímos um cartaz de uma figura feminina negra com os cabelos em formato de flores.
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ilustrações e textos;</li> <li>- Papel ofício;</li> <li>-Tinta guache;</li> <li>- Lápis de colorir;</li> <li>- Tesoura;</li> <li>- Cola;</li> <li>- Moldes de flores de diversos tamanhos;</li> <li>- Cartolinas de cores variadas.</li> </ul>
Avaliação	Nesta oficina a avaliação foi feita pela participação dos alunos na roda de conversa, pela construção do cartaz e pelo reconto da história.

Fonte: Projeto de intervenção (Agosto, 2019).

A terceira oficina de contação de história, intitulada “*O cabelo de Lelê*”, foi realizada no dia quatorze de agosto do corrente ano. Nessa oficina nós abordamos o preconceito e a

discriminação, conversamos sobre os padrões de beleza midiáticos e refletimos sobre os diferentes tipos de beleza, trabalhando oralmente a história.

Segue o plano de atividades:

**Quadro10** – Plano de atividades desenvolvidas na terceira oficina (Contação de história)

Contação de história - “O cabelo de Lelê”	
Data	14/08/2019
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contar a história o cabelo de Lelê;</li> <li>- Conversar sobre a história, extrair as lições, dentre outras atividades;</li> <li>- Propor uma reflexão a cerca do que é preconceito e discriminação;</li> <li>- Elencar algumas formas de preconceito e discriminação;</li> <li>- Refletir sobre algumas medidas que podem ser tomadas para evitar o preconceito e a discriminação;</li> <li>- Conversar sobre os padrões de beleza midiáticos e pensar sobre os diferentes tipos de beleza.</li> </ul>
Tempo de duração	02 horas
Conteúdo	Literatura Infantil “O cabelo de Lelê”
Procedimentos Metodológicos	<p>Antes de começarmos a contação da história, pedimos aos alunos que fizessem um círculo, sentando no chão. Recapitulamos a história anterior que tinha uma temática semelhante. Refletimos um pouco sobre a o preconceito. Fizemos a contação da história “o cabelo de Lelê” com um fantoche. Depois fizemos um debate para discutir sobre a história, para extrairmos lições, dentre outras. Propomos reflexões a cerca do preconceito e da discriminação, elencando algumas formas de preconceitos e discriminação. Discutimos sobre algumas medidas que devemos adotar para evitar o preconceito e a discriminação. Conversamos sobre os padrões de beleza midiáticos e pensamos sobre os diferentes tipos de beleza. Realizamos uma dinâmica, chamada dinâmica d espelho. Em seguida realizamos uma roda de conversa e por último fizemos um concurso com o tema: “Cada um com sua beleza e todos com respeito ao próximo”.</p>
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cópia da história “O cabelo de Lelê”;</li> <li>- Fantoche;</li> <li>- Espelho;</li> <li>- Papel A4;</li> <li>- Lápis.</li> </ul>
Avaliação	O processo avaliativo foi realizado com base no desenvolvimento oral dos alunos, que gradativamente conseguiram participar da contação, dos recontos e



	fazendo parte de todas as oficinas.
--	-------------------------------------

Fonte: Projeto de intervenção (Agosto, 2019).

### 6.3 Procedimentos de geração de dados

Para que os dados desta pesquisa fossem gerados e posteriormente coletados, foi necessário solicitar autorização a gestora escolar, cumprindo normas do órgão gestor.

Em oito semanas, realizamos a observação participante na turma do 4º ano do Ensino Fundamental. Também para a coleta dos dados, foi necessário elaborarmos três planos de contação de histórias com metodologias diversificadas. Para Gil (2002):

Para que os dados da pesquisa sejam livres de erros introduzidos pelos pesquisadores, ou por outras pessoas, é necessário supervisionar rigorosamente a equipe coletora de dados. Primeiramente, é preciso garantir que os pesquisadores sejam honestos e não colem dados enviesados. Seleção rigorosa dos pesquisadores, realizada por profissionais, poderá eliminar a maior parte dos problemas dessa natureza (GIL, 2002, p.125).

Diante do exposto, faz-se necessário ao pesquisador conhecer os participantes da sua pesquisa, bem como buscar selecionar alguns critérios para fundamentar seus dados, saber o perfil de cada participante, para que não corra o risco de não ter seus dados coletados de forma correta.

Portanto, para coleta dos dados desta pesquisa, realizamos oficinas temáticas de contação de história, fizemos leitura individual e coletiva com os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental da EEBAS, solicitamos que fizessem o reconto das histórias contadas nas oficinas, realizamos atividades diversificadas e utilizamos um caderno para registrar as falas dos alunos e o que foi observado.

#### 6.3.1 Observação participante

A observação participante foi de suma importância para nós pesquisadores, pois nos aproximou do nosso objeto de pesquisa, por um período maior de tempo, nos possibilitando um melhor desenvolvimento da proposta, ao mesmo tempo em que levantamos um número maior de dados, que nos serviram de subsídios para ampliar o referencial teórico da nossa pesquisa. Minayo (2002) diz que:

A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade

dos autores sociais em seus próprios contextos. Observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto (MINAYO, 2002, p. 59).

Por ter o contato direto com seu objeto de pesquisa, o pesquisador, pode vivenciar diversas situações, até mesmo podendo intervir como sendo sujeito participante do processo de construção do conhecimento, e com o contato prolongado entre os sujeitos, estabelecem-se vínculos, que podem ser modificados, ou não, dependendo do grau estabelecido no contexto das relações.

De acordo com Prodanov e Freitas (2003, p. 105) através da observação participante “o pesquisador toma contato com a comunidade, o grupo ou a realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora”. Os autores destacam que mesmo se estabelecendo relações de vínculos entre os sujeitos participantes do processo de pesquisa, o pesquisador não pode ser membro integrante do seu contexto de pesquisa.

A nossa pesquisa deu-se na Escola de Educação Básica-EEBAS, da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, com os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, do turno matutino. A observação participante foi realizada nas quintas feiras, durante oito semanas consecutivas, com duração de quatro horas por dia e, as oficinas foram aplicadas em três dias, sempre com duração de duas horas cada. Para fazer os registros, fotografamos as atividades e fazemos anotações em um caderno.

### *6.3.2 Oficinas temáticas*

As oficinas realizadas tiveram como tema a literatura infantil, e foram desenvolvidas através de contação de histórias infantis, com a finalidade de alcançar o objetivo da pesquisa, que é promover o desenvolvimento da oralidade nos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, da EEBAS.

As oficinas temáticas além de serem pedagógicas, têm como objetivo abordar um tema específico, quer seja dinâmico e motivador, quer favoreça a aprendizagem significativa dos alunos. Ela também contribui para o desenvolvimento educacional, podendo auxiliar em diferentes habilidades. Fontana e Paviani (2009) relatam que as oficinas pedagógicas são propostas:

A partir de uma negociação que perpassa todos os encontros previstos para a oficina, são propostas tarefas para a resolução de problemas ou dificuldades existentes, incluindo o planejamento de projetos de trabalho, a produção de materiais didáticos, a execução de materiais em sala de aula e a apresentação do produto final dos projetos, seguida de reflexão crítica e avaliação. As técnicas e os procedimentos são bastante variados, incluindo trabalhos em duplas e em grupo para promover a interação entre os participantes, sempre com foco em atividades práticas (FONTANA; PAVIANI, 2009, p. 79)

A proposta das oficinas de contação de histórias para os alunos surgiu a partir da dificuldade deles de se expressarem verbalmente, impedindo-os de exercitarem suas expressões orais diante da professora da turma e dos colegas de classe.

Para tanto realizamos três oficinas pedagógicas de contação de história, com os alunos do 4º ano da EEBAS, abordando a literatura infantil, com finalidade de desenvolver algumas temáticas importantes e estimular a prática da oralidade dos alunos.

### 6.3.3 Rodas de conversa

Após a realização de todas as oficinas de contação de história, realizamos rodas de conversa com os alunos para socializar o que eles entenderam da história contada, elencando pontos importantes, buscando extrair lições, levantamos hipóteses para que fossem resolvidas, para socializar o aprendizado e, desenvolver neles a prática da oralidade.

Cada roda de conversa realizada com os alunos, tinham em média uma duração de vinte minutos, pois, as oficinas aconteciam após os intervalos, o tempo era reduzido. Serviam para promover a interação entre eles, acontecia sempre dentro da sala de aula. Nelas, os alunos tinham liberdade de expressão e todos os relatos que faziam eram voltados para as temáticas abordadas pela contação de história ou para uma situação vivenciada nos seus cotidianos.

Realizamos três rodas de conversa, a primeira aconteceu no dia 26/07/19, a segunda no dia 08/08/19 e a terceira foi no dia 14/08/19, sempre após a contação da história e após a realização das oficinas. Como a sala de aula era bem pequena, não era possível fazer círculo com os alunos dentro da sala dela, fazíamos os debates com eles sentados nos seus respectivos lugares.

Na primeira oficina “*A lagartixa Cauê*”, estavam presentes quinze alunos na sala de aula, e todos participaram das atividades propostas. A segunda oficina foi a “*Menina bonita do laço de fita*”, nessa oficina, participaram quatorze alunos, onde trabalhamos a diversidade. Na terceira oficina, intitulada “*O cabelo de Lelê*”, tinha quinze alunos presentes, nesse dia nós trabalhamos o preconceito e a discriminação, e os alunos participaram de um concurso, de

uma produção textual, cujo tema foi: “Cada um com sua beleza e todos com respeito ao próximo”. Para registrar e guardar as falas dos alunos, nós utilizávamos um caderno de anotações.

As rodas de conversa foram muito importantes para o pesquisador avaliar o entendimento dos alunos sobre a história contada, também foi um recurso metodológico que auxiliou a desenvolverem a oralidade, por meio dos relatos orais. As rodas de conversas promoveram a interação dos alunos, estabelecendo o diálogo entre eles, facilitando a construção e a resignificação do conhecimento.

Barbosa e Horn (2008) destacam as rodas de conversas como:

[...] a construção de um campo dialógico e democrático, no qual a criança ganha vez e voz, mas que não fala sozinha, já que o adulto, parceiro e sensível às suas necessidades, estão com ela em diferentes momentos. Reconhece-se a criança como sujeita de direitos e ativos na construção de conhecimentos [...] (BARBOSA; HORN, 2008, p. 33).

Assim, entendemos que utilizar as rodas de conversas de maneira democrática, contribuiu para ampliar o repertório lingüístico dos alunos, reconhecendo eles como parte integrante da comunidade escolar e, transformando esse recurso pedagógico em metodologia, para desenvolver a prática da oralidade.

Assim, as rodas de conversa funcionaram como subsídio pedagógico, devendo ser uma alternativa importante no contexto escolar atual. É papel do professor como facilitador do processo de ensino e aprendizagem acreditar nas mudanças educacionais, buscando novos recursos para incluir no seu planejamento, aplicando novas modalidades educativas para enriquecer o currículo escolar dos alunos.

#### 6.4 Participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram os alunos da sala do 4º ano do Ensino Fundamental, do turno matutino, da Escola de Educação Básica da UFPB. Na turma tem dezesseis alunos matriculados, mas atualmente freqüentam apenas quinze, sendo seis meninas e nove meninos, com idades de dez e onze anos.

A escolha por pesquisar essa turma, se deu por conta do Programa Residência Pedagógica<sup>1</sup>, e o motivo que nos levou a pesquisar os alunos da turma, surgiu por observar que os mesmos sentiam muito medo e nervosismo para apresentar trabalhos orais do tipo: seminário, jograis e outros.

A professora da sala de aula em que realizamos a pesquisa, não tem formação em Pedagogia. Para exercer a função na educação ela fez magistério, pois segundo a mesma, no interior de Roraima/ RO, onde morava, não havia universidade, sua formação superior é em Ciências Sociais e ela fez especialização na mesma área. Atua na educação há 38 (trinta e oito) anos. Na EEBAS trabalhou nos anos 2008 e 2009, saiu para outro espaço, retornou em 2016 onde permanece até os dias atuais.

#### 6.5 A escola pesquisada

A pesquisa foi realizada na Escola de Educação Básica – EEBAS, localizada no bairro do Castelo Branco, na Cidade de João Pessoa, Paraíba. Funciona nos turnos manhã e tarde, atende crianças com idades entre três a doze anos, atualmente têm duzentos e trinta e três alunos matriculados nos dois turnos.

Atende crianças que são filhos dos funcionários da UFPB e, crianças dos bairros adjacentes, de classe baixa e classe média baixa. A atual gestora é a senhora Patrícia Batista Bezerra Ramos, que em sua prática exerce uma gestão democrática, promovendo a comunicação e interação dos membros que compõem a comunidade escolar. A escola tirou nota 6,6 no Índice de Desenvolvimento de Educação Básica - IDEB de 2017.

Atualmente a escola atende quinze turmas, sendo oito no turno da manhã e sete no turno da tarde. Dispõe de um quadro de quarenta e três funcionários, sendo onze prestadores de serviço terceirizados e trinta e quatro funcionários do quadro permanente da escola. Distribuídos Conforme o quadro abaixo:

---

<sup>1</sup> A Residência Pedagógica consiste na imersão planejada e sistemática do aluno de licenciatura em ambiente escolar visando à vivência e experimentação de situações concretas do cotidiano escolar e sala de aula que depois servirão de objeto de reflexão sobre a articulação teoria e prática.

**Quadro 11** – N° de funcionários da EEBAS

<b>Função</b>	<b>Quantidade</b>
Diretora	01
Vice-diretora	01
Auxiliar de enfermagem	01
Cozinheiras	06
Professores (as)	16
Secretárias	02
Nutricionistas	02
Psicóloga	01
Assistente social	01
Auxiliares de Serviços gerais	09
Porteiros	02
Almoxarifado	01

FONTE: EEBAS (Agosto, 2019).

## 6.6 O Município da pesquisa: João Pessoa/PB

O município de João Pessoa é a terceira capital mais antiga do Brasil, fundada em 1585 com o nome "Cidade Real de Nossa Senhora das Neves", em 04 de setembro de 1930, recebeu o nome de João Pessoa, em homenagem ao Presidente João Pessoa que foi assassinado na cidade de Recife/PE. Em 2018 sua população, foi estimada em 800.323 (oitocentos mil trezentos e vinte três) habitantes.

No atual contexto educacional o município atingiu no IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, a nota 4,9 nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º) e nos anos finais (6º ao 9º) atingiu nota 4,0. O número de alunos matriculados no Ensino Fundamental, anos iniciais é de 50.114 (cinquenta mil cento e quatorze) alunos e nos anos finais é de 43.241 (quarenta e três mil duzentos e quarenta e um) alunos, no total de 93.355 (noventa e três mil trezentos e cinquenta e cinco). Distribuídos da seguinte forma: segue tabela:

**Quadro 12** – N° de alunos matriculados nas escolas municipais de João Pessoa/PB

<b>Séries</b>	<b>N° de matriculados</b>
1º ano	9.261
2º ano	9.813
3º ano	10.883
4ºano	10.684
5º ano	10.473
6º ano	11.920
7º ano	11.902
8º ano	10.493
9º ano	9.619
<b>Total</b>	<b>93.366</b>

Fonte: <https://www.qedu.org.br/cidade/4586-joao-pessoa/censo-escolar>. Acesso em: 23 de Ago. 2019.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra a Domicílio - PNAD, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, apontou que no município de João Pessoa, tem 37 (trinta e sete) mil pessoas que não sabem ler e nem escrever, a taxa de analfabetismo é de 5,7%. Há também uma discriminação por raça e cor, o número de brancos analfabetos é 3,5%, enquanto negros e pardos é de 6,8%.

Atualmente o município de João Pessoa tem 82 escolas municipais, que são divididas em pólos, sendo 17 (dezessete) escolas integrais, 10 (dez) escolas parcialmente integrais e 55 (cinquenta e cinco) funciona nos turnos, manhã, tarde e noite. O município também atende a modalidade de ensino EJA – Educação de Jovens e Adultos, as escolas para essa modalidade de ensino são divididas em 13 (treze) regiões.

Diante do exposto podemos afirmar que o município de João pessoa, possui um número significativo de escolas, também observamos que há um grande número de alunos matriculados na rede municipal de ensino, mas sabemos que ainda existe uma parte da população que não sabe ler e nem escrever, essa população é considerada analfabeta.

O poder público precisa adotar medidas para que essa parte da população que esta fora da sala de aula, possa de alguma forma, ingressar nas escolas do município, e se tornarem

cidadãos politicamente, integrantes da sociedade, porque a Lei garante que a educação é um direito universal.

#### 6.7 As análises dos dados gerados

Os critérios para a análise dos dados gerados nessa pesquisa foram à participação dos alunos nas oficinas e nas atividades, o desenvolvimento dos que participaram de todos os encontros, a evolução dos alunos que apresentavam dificuldade na avaliação diagnóstica inicial e de todos que se destacaram no período de realização das oficinas temáticas.

No entanto, a análise dos dados tem como objetivo compreender o que foi desenvolvido em um determinado período, buscando confrontar as informações de forma sistematizada, para se chegar a um resultado concreto. Por meio da análise o pesquisador pode responder as questões que foram levantadas no início da pesquisa. Para se chegar aos resultados desejados, iremos apresentar no próximo capítulo de análise os resultados obtidos por meio desta pesquisa.



## 7 TECENDO A ANÁLISE DOS DADOS

A trajetória nas oficinas realizadas nesse trabalho proporcionou experienciar juntos aos alunos o processo de ensino e aprendizagem, por meio de um gênero literário que enriquece tanto o plano de aula, quanto aponta caminhos para a compreensão dos objetivos elencados nesse trabalho, respondendo aos questionamentos que nos inquietou a realizá-lo.

O percurso para tecer essas experiências aconteceu por meio do trabalho de campo e pela observação participante, finalizando com a aplicação de oficinas temáticas de contação de história. Mas, para alcançar os objetivos desse trabalho, foi necessária observação direta, e planejar como deveriam ser realizadas as oficinas, conhecendo o campo e os sujeitos da pesquisa que estariam envolvidos no trabalho.

No entanto, para a realização das oficinas, tivemos que nos apropriar de toda aprendizagem que o contador necessita para que a comunicação oral acontecesse de forma compreensível pelos alunos, e que alcances os resultados esperados. Pois, existem elementos pertinentes que potencializam a contação, tanto na entonação da voz, quanto todo o movimento corporal que dá vida a história.

Porém, para realizar a análise dos dados desta pesquisa, fizemos a sistematização dos materiais colhidos, por meio da observação participante, das oficinas temáticas e das rodas de conversa. Para Gil (2008, p. 71) pesquisa é "uma técnica de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações".

Sendo assim, a técnica que adotamos para analisar os dados desta pesquisa, foi à aplicação das oficinas temáticas utilizando a literatura infantil por meio da contação de histórias, que objetivava desenvolver a prática da oralidade dos alunos, que realizavam o reconto das histórias, apropriando-se delas, repaginando-as conforme a sua imaginação.

Então buscamos preservar as identidades dos alunos participantes da pesquisa, de forma alguma iremos citar os nomes deles. Iremos nos referir a eles com números, como por exemplo: aluno 1, aluno 2, e assim sucessivamente. A identidade da professora da sala, também foi preservada.

Diante das leituras realizadas, dos materiais e da releitura dos dados obtidos, buscamos estruturar o capítulo de análise dos dados em três eixos. Deste modo foi

possível estabelecer uma relação com os conteúdos propostos e com a prática desenvolvida na sala de aula, por meio das oficinas. Dessa forma sistematizamos nossos estudos nos eixos que iremos descrever a seguir.

- ✓ Conhecendo os participantes da pesquisa.
- ✓ A literatura infantil e a sua contribuição para a oralidade.
- ✓ O trabalho com a oralidade por meio da literatura infantil.

### 7.1 Conhecendo os participantes da pesquisa

O perfil dos sujeitos que fizeram parte dessa pesquisa são alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, de classe média baixa, filhos de funcionários da UFPB, e moradores dos bairros adjacentes, com a faixa etária entre dez e onze anos, todos vieram da série anterior, não há repetentes na sala.

O comportamento dos alunos durante as aulas, tanto era de conversas paralelas, quanto brincadeiras. Diante da situação exposta se percebe que estavam dispersos, dificultando o processo de ensino e aprendizagem. Ter a atenção deles é um desafio constante para a professora, que na *práxis* pedagógica precisa de autoridade para controlá-los.

No entanto para trabalhar com alunos dessa faixa etária os professores podem utilizar a literatura infantil, como recurso na aprendizagem para reter a atenção deles, pois, é um gênero literário que possibilita, pela ludicidade, dinamizar as aulas, rompendo uma rotina tradicional de ensino que não provoca interesse deles. Dessa forma, esse gênero literário contribui para o desenvolvimento da oralidade dos alunos.

Para realizarmos a análise do desenvolvimento oral dos alunos, escolhemos apenas 5 (cinco). Sendo 4 (quatro) meninos e 1(uma) menina. Agora iremos chamá-los de aluno 1, aluno 2, aluno 3, aluno 4 e aluna 5.

O aluno 1 apresentava dificuldade de leitura, parecia ter um pequeno déficit de atenção nas aulas, mas participou de todas oficinas, fazia sempre as atividades propostas, mas não gostava muito de expressar-se oralmente, porém gostava de ouvir as histórias que nós contávamos, com um certo semblante de felicidade nos olhos.

O aluno 2 tinha um comportamento apresentava-se agitados, pois, levantava-se da carteira de vez em quando e gostava de passear pela sala de aula, na hora da contação de histórias, ele parecia não ter prestado a atenção no que estávamos fazendo, sempre convidamos ele para fazer o reconto, mas a principio ele não aceitava.

O aluno 3 era indisciplinado, não gostava de ser corrigido, não prestava atenção na aula, nem na contação de história, ficava quase que o tempo todo conversando com os colegas de sala, ele gostava de levar cartas de *Pokémon* para trocar com os colegas e ficava o tempo todo exibindo as tais cartas.

O aluno 4 era um menino inteligente, já tinha o domínio da leitura, porém estava quase sempre sonolento para realizar as atividades propostas na sala de aula, também gostava de conversas paralelas e não gostava de apresentar trabalhos orais na frente dos outros alunos, por que se sentia inseguro e tinha medo de errar.

A aluna 5 participou de todas as oficinas, realizava as atividades propostas, era participativa em suas tarefas de classe, mas era tímida e por esse motivo ficava muito nervosa e não conseguia fazer o reconto das histórias, pois, temia que houvesse algum tipo de represália por parte dos colegas de sala.

Dentre os dezesseis alunos matriculados na turma, escolhemos apenas os 5 (cinco) acima citados para fazer parte da pesquisa, cada um com suas peculiaridades, eles apresentavam dificuldade de aprendizagem, principalmente nos momentos destinados a fazer exposição oral para os colegas da turma. Assim, os dados que obtivemos foram estudados e interpretados a partir dos eixos a seguir.

## 7.2 A literatura infantil e sua contribuição para a oralidade

*A Literatura é espaço privilegiado para a emergência do sujeito e daquilo que o constitui. Não somente porque se faz da palavra, mas principalmente porque se expressa plenamente pelo seu estado de virtualidade, portanto de devir, de um poder vir-a-ser (CAVALCANTI, 2009, p. 35).*

Diante do exposto podemos dizer que a literatura ocupa um espaço importante na vida do sujeito, pois ela tem o poder de fazer com que ele viaje no tempo, no espaço e, até mesmo em um mundo completamente imaginário. Dessa forma, podemos dizer que é possível que a história possa ser resignificada e contada a outras pessoas de forma escrita oralmente.

Neste caso, desenvolvimento da linguagem oral é etapa importante na aprendizagem. O professor pode utilizar a oralidade, como recurso pedagógico, pois, ela faz a ponte entre diversas áreas do conhecimento. Abrindo dessa forma espaço significativo para a narração oral das histórias, círculos de escuta da palavra na qual a criança pode criar um texto oral, recriar histórias ouvidas e vividas, resignificando pela sua criatividade (BUSATTO, 2010).

O professor pode auxiliar as crianças nas dificuldades com as atividades, por meio do exercício da oralidade em sala de aula, contando e lendo histórias para elas. Além de estimular o reconto, ou mesmo as experiências advindas do cotidiano deles e dessa forma torná-los ativos no processo de ensino e aprendizagem, tendo a oralidade como instrumento na *práxis* pedagógica.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018, p. 78) traz em seu texto que o campo de atuação da oralidade, “compreende as práticas de linguagem que ocorre em situação oral com ou sem contato face a face”. Além de tornar a aula mais entusiasmante faz com que o aluno participe de forma ativa e o envolva através das aulas dialogadas, de debate, que podem ser contextualizadas dentro do enredo da literatura infantil.

Para oralizar o texto escrito, a BNCC (2018) explicita que é necessário considerar situações em que tal tipo de atividade acontece, ou seja, seus elementos paralinguísticos e cinésicos<sup>2</sup>, dentre outros. Esses elementos não são estáticos, tem movimento, e acontece para dar vida ao texto oral, com suas formas de expressões corporais que vão falar em conjunto com a linguagem.

Sendo assim, para analisar o desenvolvimento oral dos alunos da sala de aula do 4º ano do Ensino Fundamental da EEBAS, utilizamos a literatura infantil, por meio da contação de histórias. Sendo que para identificarmos os alunos que tinham dificuldade de se expressarem oralmente, realizamos previamente a observação participante.

Na primeira oficina, a história que foi contada que serviu como instrumento de análise foi denominado, “A *Lagartixa Cauê*”. No dia da oficina estavam presentes na sala de aula quinze alunos, mas para realizarmos a análise do desenvolvimento oral, iremos destacar apenas, os cinco alunos que foram escolhidos, porque que apresentaram algum tipo de dificuldade na avaliação inicial.

---

<sup>2</sup> Quando estuda a linguagem corporal, encontra-se em comunicação cinésica onde se analisam gestos, expressões e posições corporais, em busca de significados psicológicos destas (INFOPÉDIA).

Com o objetivo de possibilitar aos alunos o hábito de contar histórias para que posteriormente eles desenvolvessem a prática da oralidade, a primeira oficina temática de contação de histórias, também objetivava convidar os alunos com dificuldade de se expressar para fazer o reconto e assim, começar a perder o medo se apresentar oralmente.

Todos os alunos que estavam na sala de aula, participaram de alguma forma das atividades, fazendo a leitura silenciosa, cortando o EVA, construindo o mosaico na lagartixa de cartolina, colando ou até mesmo por meio da observação. Como era a primeira oficina, pensamos em uma atividade que pudesse ser realizada coletivamente, então propomos a oficina.

Para dar início as atividades, fizemos uma leitura silenciosa do texto a *lagartixa Cauê*, depois a contação da história, em seguida convidamos o aluno 2 para fazer o reconto, mas ele não aceitou. Então propomos uma atividade coletiva de uma oficina de mosaico, para que os alunos pudessem trabalhar em grupo, e interagir entre eles. Conforme iremos mostrar nas imagens a seguir:

**Figura 1:** Alunos construindo a lagartixa de mosaico



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Julho, 2019).

**Figura 2:** Produção dos alunos: oficina de mosaico



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Julho, 2019).

Após a construção da lagartixa em mosaico, realizamos a aplicação de um questionário e, por fim fizemos uma roda de conversa, para socializarmos o que os alunos aprenderam, mas, os alunos permaneceram sentados em suas carteiras, pois a sala de aula é bem pequena, não tem como fazer a roda com eles no chão. No debate o aluno 2 fez o seguinte comentário:

*Não é verdade que lagartixa só sai à noite, porque na casa da minha tia tem uma lagartixa e ela aparece toda hora, toda vez que eu vou a casa dela eu vejo a lagartixa lá (ALUNO 2).*

Então nós explicamos a ele que não somos nós que estamos mentindo, que essas falas da história, não são nossas e sim do autor da história. Para enriquecer um pouco mais o diálogo perguntamos ao aluno 4, qual era o moral da história, e ele respondeu:

*É que não podemos ir pra um lugar desconhecido porque a gente não sabe o que tem lá, então a gente pode se dar mal (ALUNO 4).*

Nessa primeira oficina temática da lagartixa Cauê, não houve o reconto por parte dos alunos da turma, mas diante das falas dos alunos 2 e 4 que participaram da construção coletiva da oficina de mosaico, foi possível observar que existia diálogo entre eles. Isso de alguma forma provoca a comunicação oral, por meio do trabalho coletivo.

As atividades na sala de aula, na qual ocorre interação entre os alunos e seus pares é relevante no processo de oralidade, pois para a Base Nacional Comum Curricular - BNCC relata que “[...] nos anos iniciais, no eixo de oralidade, aprofunda-se o conhecimento e o uso da língua oral, as características de interações discursivas e as estratégias de fala e escuta em intercâmbios orais” (BNCC, 2018, p. 89).

No entanto, promover aos alunos trabalhos de construção coletiva, possibilita que eles vivenciem momentos únicos no processo de socialização dos saberes, porque eles desenvolvem-se interagindo com seus pares, atribuindo-lhes responsabilidades escolares, aguçando o espírito de competitividade e participando ativamente das atividades propostas pelo professor.

Na segunda oficina pedagógica, objetivamos trabalhar com os alunos a diversidade de forma oral, incentivando o gosto pela leitura com uma contação dinâmica e divertida história *“Menina bonita do laço de fita”*. Trabalhar a contação de histórias é uma estratégia bastante rica, porque por meio da literatura infantil, podemos dinamizar a aula e envolver todos os sujeitos presentes.

A história *“Menina bonita do laço de fita”* é fantástica para o professor colocar no seu planejamento, por ela abrir um leque de possibilidades para ser trabalhada. Por meio dessa história podemos trabalhar a diversidade, a história da família e dos seus antepassados, a África e outros.

Então começamos a oficina de contação de história, perguntando aos alunos se eles já haviam ouvido falar em diversidade. Eles disseram que sim, mas não sabiam explicar, daí nós começamos explicar um pouco sobre o assunto. Depois demos início a leitura silenciosa e em seguida fizemos a contação da história.

Ao término da contação, falamos um pouco sobre os nossos antepassados e começamos a instigá-los. Fizemos perguntas aos alunos que foram escolhidos para a análise dessa pesquisa. Perguntamos ao aluno 3 porque a menina bonita do laço de fita nasceu daquela cor? Então ele respondeu:

*Porque a avó dela era daquela cor, e acrescentou: minha mãe é morena e por isso eu sou dessa cor, porque puxei a ela (ALUNO 3).*

Diante da fala do aluno 3, Cavalcanti (2009, p. 35) destaca que: “O simbólico apresentado na Literatura traça seu percurso máximo de transcendência, pois aí temos a palavra projetada para dizer-se como expressão máxima dos anseios humanos”. A

literatura faz com que o sujeito, vá além de seu alcance, por meio da imaginação possibilitada pelo enredo da literatura infantil.

Então demos continuidade à seção de perguntas e respostas, perguntando ao aluno 1. Você acha que aqui na sala de aula existe uma diversidade? E ele respondeu da seguinte forma:

*Tem sim, porque ninguém é igual. Aqui tem menino, tem menina, tem a professora, tem crianças e adultos. Então somos diferentes (ALUNO 1).*

Diante das respostas dos alunos foi possível perceber que eles entenderam o que nós explicitamos sobre a temática da diversidade. E nós falamos que a diversidade não se resume apenas na cor da pele das pessoas. Ela esta presente em vários segmentos de nossas vidas, como por exemplo: na culinária, nas manifestações culturais, nos sotaques das pessoas dentre outros. Para Zilberman (2003) as histórias são sistemáticas e destaca que:

*A criança entende a história sem estes pressupostos [do adulto]. Sua compreensão da realidade, existência e vida não – ainda não – se baseia em processos lingüísticos de comunicação, mas nas relações sociais primárias e nas próprias atividades. As histórias infantis desempenham, pois, uma primeira forma de comunicação sistemática das relações da realidade, que aparecem à criança numa objetividade corrente. Ou, por outra: as histórias infantis são uma espécie de teoria especulativa além da atividade imediata social e individual da criança (ZILBERMAN, 2003, p. 45).*

Zilberman (2003) destaca que a criança não tem maturidade suficiente para perceber por conta própria as relações do cotidiano que se faz presente na nossa realidade. Por esse motivo é necessário uma intervenção do adulto, pois, é por meio dele que a criança se espelha e a literatura infantil, promove uma forma de comunicação mais sistematizada.

Então, demos continuidade a oficina, pedindo a aluna 5 para fazer o reconto da história “*Menina bonita do laço de fita*”. Ela aceitou, mas fez o reconto um pouco inibida, pois, não tinha o hábito de contar histórias para os colegas de sala. Mas, descobrimos que ela entendeu o que foi passado, pelo reconto que realizou, foi possível observar que a aluna 5 já conseguiu um avanço no desenvolvimento da oralidade, por meio da exposição oral, que na avaliação inicial apresentou dificuldade.

Para cumprir a carga horária que nos foi reservada, levamos moldes de flores em tamanhos variados, distribuimos com os alunos da sala de aula, também distribuimos



pedaços de cartolinas coloridas, pedimos que desenhassem as flores nas cartolinas e depois cortassem, para que construíssemos um cartaz de uma mulher negra, com os cabelos de flores coloridas. Conforme iremos mostrar nas imagens a seguir:

**Figura 3:** crianças desenhando flores



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Agosto, 2019).

**Figura 4:** crianças montando o cartaz da mulher negra



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Agosto, 2019).

A história contada proporcionou aos alunos um envolvimento coletivo, por meio da produção do cartaz. Para Cavalcanti (2009, p. 51) “Talvez, o fato de possuírem uma linguagem muito simples, mas mesmo assim conseguirem falar com profundidade, também faça do conto de fadas uma literatura perpetuada na história, mesmo tendo sua origem na tradição”. Isso nos instiga a refletir como é importante a literatura infantil na

vida dos alunos, portanto, é fundamental que o professor insira esse recurso pedagógico no seu planejamento.

A terceira e última oficina, foi a mais participativa de todas, pois os alunos que no planejamento inicial apresentaram dificuldade de participar das atividades que envolviam apresentação oral, nessa oficina a participação foi geral, em todos os segmentos. Iniciamos retomando a oficina anterior, falando sobre a diversidade e acrescentamos o preconceito e a discriminação.

Nessa oficina nós tínhamos o intuito de propor aos alunos uma reflexão sobre o preconceito e sobre a discriminação. No entanto, elencamos algumas formas de preconceito e de discriminação. Também fizemos uma reflexão sobre algumas medidas que poderiam ser adotadas para evitar o preconceito e a discriminação. A Base Nacional Comum Curricular – BNCC relata que uma das competências da Educação Básica é

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BRASIL, 2018, p.9).

Diante das competências que a BNCC propõe, buscamos desenvolver essa competência nos alunos, por meio das oficinas temáticas de contação de histórias, que tinha como objetivo de levar até eles temas importantes do seu cotidiano como, por exemplo: histórias que falem da diversidade, preconceito e de outros assuntos que fazem parte das suas histórias reais.

Então, fizemos a contação da história “*O cabelo de Lelê*”, que falava dos cabelos cacheados e da insatisfação da menina por ter tantos cachos. Chamamos o aluno 1 para fazer o reconto da história, ele assim fez, mas com interpretações advindas do seu imaginário. Então iniciamos a roda de conversa e, perguntamos ao aluno 1. Por que Lelê agora gosta do que ver? Ele respondeu da seguinte forma:

*Porque o livro sabido disse a ela que o cabelo dela é assim por causa de um tio, um avô que ela tem lá na África (ALUNO 1).*

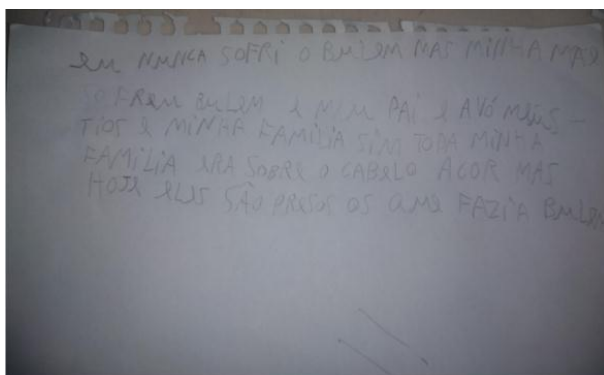
Não satisfeitos, fizemos outra pergunta. E porque ela antes não gostava dos seus cachos. Ele respondeu:

*Era porque ela não sabia de onde vinha tantos cachos, mais depois que ela leu o livro sabido, ela começou a gostar (ALUNO 1).*

Depois do debate da roda de conversa, nós falamos um pouco dos padrões midiáticos e, instigamos os alunos a pensarem diferentes tipos de beleza. Então realizamos a dinâmica do espelho, que foi muito rica, pois, eles não sabiam o que iriam ver no espelho e quando olhavam se deparava com suas imagens, eles sorriam, porque achavam engraçado. Promovemos um concurso com o seguinte tema: “Cada um com sua beleza e todos com respeito ao próximo”.

Após todos os alunos terem feito a sua produção textual para o concurso, nós chamamos de um a um para virem à frente ler o que produziu. Esse momento foi de grande valia para o nosso projeto de pesquisa, pois, foi com a apresentação deles que pudemos identificar o desenvolvimento de cada um. Conforme iremos mostrar nas imagens abaixo:

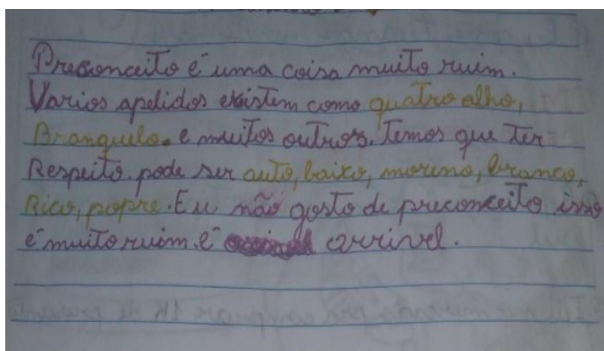
**Figura 5:** Produção textual do aluno 4



*Eu nunca sofri bullying, mas minha mãe sofreu bullying e meu pai e avó, meus tios e minha família são toda minha família era sobre o cabelo, a cor, mas hoje eles são presos, os que fazia bullying.*

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Agosto, 2019).

**Figura 6:** Produção textual da aluna 5



*Preconceito é uma coisa muito ruim. Vários apelidos existem como quebra-galho, branquela e muitos outros. Temos que ter respeito. Pode ser alto, baixo, moreno, branco, rico, pobre. Eu não gosto de preconceito, isso é muito ruim é horrível.*

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Agosto, 2019).

Diante do que foi explanado, podemos afirmar que a literatura infantil é uma ferramenta valiosa para o processo de ensino e aprendizagem, pois por meio da contação de histórias os alunos, além de auxiliá-los na aprendizagem da leitura, podem ajudá-los a melhorar a escrita. Também observamos que eles evoluíram oralmente.

Diante do exposto, observamos quanto é importante, que em nossa prática docente adotemos o hábito de contar histórias para seus alunos, colocando em seu planejamento esse recurso valioso, com objetivo de promover o desenvolvimento oral, para que possam usufruir de todos os benefícios que a literatura infantil proporciona no processo de ensino e aprendizagem deles.

As aplicações das oficinas temáticas foram de suma importância para os alunos, pois, proporcionou momentos únicos de interação, de construção coletiva, de trocas de experiência por meio de relatos orais. Também contribuiu bastante para o desenvolvimento dos alunos participantes da pesquisa, que na avaliação diagnóstica inicial apresentaram dificuldade de se expor oralmente, mas com a participação nas oficinas, conseguiram fazer o reconto para a turma por meio de relatos orais.

### 7.3 O trabalho com oralidade por meio da literatura infantil

Para trabalhar a oralidade com os alunos do quarto ano do Ensino Fundamental da EEBAS, utilizamos a literatura infantil, por meio da contação de histórias. No entanto, para nos apropriarmos do uso desse recurso pedagógico, foi necessário que desenvolvêssemos um planejamento prévio.

Cavalcante (2009) em seu livro: Caminhos da literatura infantil e juvenil, diz que: “valorizar os relatos orais é, também uma forma de compreender o nosso percurso, pois o fato de tantas narrativas chegarem aos dias atuais, superando as barreiras do tempo e novos meios de produção, significa o imenso poder que tem a palavra no meio do povo”.

Então, para colher e analisar os relatos dos alunos, nós preparamos três oficinas temáticas de contação histórias, a primeira denominada “*a lagartixa Cauê*”, a segunda “*Menina bonita do laço de fita*” e a terceira foi “*o cabelo de Lelê*”. Por meio da contação dessas três histórias, foi possível trabalhar com os alunos o desenvolvimento oral, estimulando os recontos pelas atividades que promovemos na sala de aula.

Estas atividades realizadas revelam a importância de incluir a literatura infantil, para trabalhar com seus alunos a contação de história, com a finalidade de auxiliá-los na memorização, estimulando o ato de ouvir, para que eles ampliem seu de vocabulários, e etc. por meio dessas atividades o aluno vai desenvolvendo-se oralmente, e ampliando a atenção e concentração. Para Busatto (2010):

Dizer que a narração oral de histórias é uma chave, que abre a porta para o processo de alfabetização, significa mais do que simples uso de uma metáfora para ilustrar essa aquisição conquistada pela criança. Implica colocar a oralidade no seu devido lugar, ou seja, ocupar um espaço privilegiado na formação do ser humano (BUSATTO, 2010, p. 6).

A partir do que foi mencionado, pode-se dizer que o espaço privilegiado para se trabalhar as narrativas orais é a sala de aula, no entanto, podemos perceber que no currículo da escola, a literatura infantil não tem esse espaço. Cabe ao professor, promover essas atividades de contação de histórias para seus alunos, porque esse recurso pedagógico permite com que eles identifiquem elementos que são importantes para sua formação.

Para estimular os alunos a se desenvolverem essas habilidades, nós utilizamos a literatura infantil, promovendo oficinas temáticas, que foram transmitidas, de forma bem criativa, buscando atrair a participação de todos os sujeitos que se faziam presentes. Conforme iremos mostrar nas imagens abaixo:

**Figura 7:** construção coletiva do cartaz de mosaico



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Agosto, 2019).

A imagem acima mostra o momento da construção coletiva dos alunos na oficina de mosaico, que foi proposta depois da contação da história a “lagartixa Cauê”. Nesta

atividade o professor pode trabalhar cores, formas, a atenção, a construção coletiva, a socialização, dentre outras, pois, após a realização da oficina ele pode pedir que os alunos expliquem o que fizeram de forma oral, possibilitando o desenvolvimento da oralidade.

Na imagem a seguir, trabalhamos ao desenvolvimento da oralidade por meio do reconto e concurso que promovemos e, resultou numa produção textual dos alunos que, posteriormente foram convidados para ler em voz alta o que produziram como forma de socializar para os colegas de sala de aula. Este processo foi realizado com todos os que estavam presentes na oficina. Conforme iremos mostrar na imagem a seguir:

**Figura 8:** Alunas fazendo a leitura oral



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Agosto, 2019).

Como se pode observar, em práticas de incentivo a oralidade, o professor pode promover oficinas de leitura, criar concursos, teatros, jograis, dentre outros. Com isso, espera-se que os alunos se desenvolvam de formas diversas, não apenas no campo da oralidade, mas em vários campos do conhecimento, tornando-se letrados, participativos e buscando sempre ampliar o seu repertório oral e lingüístico.

O professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem dos alunos, ele esta sempre em busca de novas metodologias, buscando capacitar-se continuamente, criando novas formas de trabalhar o processo educativo, ampliando o seu repertório de possibilidades que facilitem o seu trabalho pedagógico.

Ademais, sabendo que a oralidade é a forma de comunicação mais usada pelo ser humano, antes do surgimento dos códigos da escrita as pessoas comunicavam-se de forma oral. As escolas precisam se desvincular do costume de pregar nos alunos a cultura do silêncio, impedindo-os de se expressarem, muitas vezes criando neles, bloqueio, medo e insegurança.

Para quebrar essa cultura e investir em uma educação de qualidade, onde o aluno possa realmente ser o sujeito central do processo de ensino e aprendizagem e, para dar início a esse novo modelo de educação, devemos propor atividades que estimulem a fala dos alunos, dando-lhes o direito de expressão, como forma de construção de um ser mais atuante e participativo.

Diante do exposto, buscamos realizar oficinas temáticas, onde os alunos tiveram momentos de expressões orais individuais e coletivamente. Por meio da contação de histórias e do reconto, eles tiveram alguns avanços que possibilitou quebrar alguns bloqueios, vencerem o medo e adquiriram uma pequena segurança, conseguindo se expressar na frente dos colegas.

Na oficina “*O cabelo de Lelê*”, os alunos da sala do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola de Educação Básica - EEBAS realizaram muitas manifestações orais, por meio do reconto, do momento da roda de conversa e pela socialização oral das produções textuais do concurso: “Cada um com sua beleza e todos com respeito ao próximo”. Conforme iremos mostrar na imagem a seguir:

**Figura 9:** Momento do reconto



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Agosto, 2019).

Nessa oficina denominada o cabelo de Lelê, trabalhamos o preconceito e a discriminação, também levamos para os alunos a história impressa e utilizamos um fantoche para fazer a contação. A boneca (fantoche) chamou muito a atenção deles, pois, era negra e tinha cabelos negros bem caracolados. A aluna 5 falou sobre o preconceito que sofre por que tem a cor da pele clara e usa óculos. Ela nos relatou o seguinte:

*Tia, eu odeio preconceito, não gosto quando me chamam de quatro olhos, de branquela. Tem que ter respeito e os meninos não respeita a gente (ALUNA).*

A aluna 5 na avaliação inicial, por ser muito tímida, apresentava-se insegura, e sem condição de realizar apresentações orais para os amigos da turma. Na primeira oficina que realizamos recusou-se a fazer o reconto, já na segunda e na terceira ela se apresentou de forma bem participativa, apresentando um grande avanço no desenvolvimento das expressões orais. Diante do desenvolvimento da aluna 5 a Base Nacional Comum Curricular - BNCC destaca que no Ensino Fundamental – anos iniciais:

Aprofundam-se as experiências com a língua oral e escrita já iniciadas na família e na Educação Infantil. Assim, no eixo oralidade, aprofundam-se o conhecimento e o uso da língua oral, as características de interação discursivas e as estratégias de fala e escuta em intercâmbios orais (BRASIL, 2018, p. 89).

Neste caso específico, e se tratando do desenvolvimento oral da aluna 5, foi possível perceber que o conhecimento adquirido pela mesma, contempla o que esta escrito na BNCC, visto que ela conseguiu aprofundar a habilidade da fala, pelo uso da linguagem oral, sendo assim, o que foi proposto pelas oficinas de leitura, contemplou os objetivos propostos por essa pesquisa.

O aluno 4 oralmente relatou:

*Eu nunca sofri bullying, mas a minha mãe, meu pai, meu avô e meus tios sofreram e era por causa do cabelo, hoje quem cometeu o bullying está preso (ALUNO 4).*

Por meio do relato oral dos alunos pudemos perceber que o aluno 4 teve um avanço no seu desenvolvimento oral, pois na avaliação inicial, apresentava-se



desestimulado, não gostava de fazer as atividades propostas pela professora da sala de aula, mas aos poucos com as oficinas, ele foi se soltando, começou a participar das oficinas e participou da produção escrita proposta, chegando a fazer o seu relato oralmente.

Diante do exposto Busatto (2010, p.7) relata que “o letramento também se faz através da oralidade. Quando lemos um livro em voz alta, estamos praticando a fala estética e aproximando a criança do texto escrito e de suas tramas”. Portanto quando promovemos o concurso de produção textual e solicitamos que o aluno faça sua leitura oralmente, nós estamos propondo que ele desenvolva a fala e a escrita.

Assim, a partir do que foi mencionado, podemos concluir que a oralidade não se desassocia da literatura infantil. Os contos de fadas, requer que sejam contados oralmente, de preferência, em voz alta para que o aluno possa ir fazendo o exercício da criatividade e das expressões sonoras, podendo associar os sons com as letras e, assim aprimorando o exercício da escrita.

A seguir apresentamos as nossas considerações finais.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto por esta pesquisa, podemos afirmar que a literatura infantil é um gênero literário, voltado para crianças e jovens, mas que pode favorecer a todos os públicos e a todas as faixas etárias. As escolas deveriam incluir esse gênero literário em seus currículos, entendendo que toda criança gosta de ouvir história, e por meio da contação de histórias, ela transcende do mundo real para um mundo do faz de conta, utilizando a literatura como fonte de informação para resolução de problemas do seu cotidiano.

Portanto, trabalhar com a literatura infantil é propor ao aluno um leque de novas possibilidades de aprendizagem. Por meio da literatura infantil o professor pode enriquecer o seu planejamento pedagógico, por que ela possibilita uma metodologia diversificada para que o conhecimento seja transmitido de forma dinâmica, criativa e lúdica. Esses novos métodos educativos servirão para que as aulas não se tornem fatigantes e cansativas e que atraiam o interesse dos alunos.

Essa pesquisa teve como objetivo geral compreender como a utilização da literatura infantil em sala de aula pode auxiliar os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental a desenvolver a oralidade através dos contos e recontos de histórias. E como objetivos específicos buscaram: revisar como se apresentam os estudos teóricos sobre a literatura infantil e o desenvolvimento da oralidade; analisar como a literatura infantil pode contribuir para o desenvolvimento da oralidade; analisar como o professor pode trabalhar a oralidade com os alunos na sala de aula por meio da literatura infantil; e, por fim, identificar quais os resultados no desenvolvimento de atividades de oralidade por meio da literatura.

Na metodologia, o tipo de pesquisa utilizada foi de caráter qualitativo, a forma de trabalho de campo se deu por meio da pesquisa participante. Os procedimentos que adotamos para a geração dos dados foram: a observação participante, as oficinas temáticas e as rodas de conversa. O campo de atuação foi a Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba. Os sujeitos participantes da pesquisa foram os alunos da turma do 4º ano do Ensino Fundamental.

Ao investigarmos como se apresentavam os estudos teóricos sobre a literatura infantil e o desenvolvimento da oralidade, descobrimos que a primeira obra da literatura infantil surgiu no século XVII, mas ela só começou a ganhar visibilidade a partir de

meados do século XVIII, motivado pelo crescimento industrial e pela grande migração de pessoas do campo, para os grandes centros urbanos ocasionando um crescimento na economia, e na política das cidades.

Ao analisarmos como a literatura infantil pode contribuir para o desenvolvimento da oralidade, podemos observar que a da literatura infantil desperta o imaginário das crianças, transportando a fantasia para o mundo real sem perder a capacidade que consiste na representação simbólica do mundo imaginário.

O desenvolvimento da oralidade no seio da família pode ser iniciado, pela prática dos contos de fadas e do contato direto com os livros. A criança pode tornar-se um adulto com a capacidade afetiva de enxergar o mundo com um olhar mais abrangente, sensível e de doação.

Quando questionamos como o professor pode trabalhar a oralidade com os alunos na sala de aula por meio da literatura infantil, entendemos que o professor pode promover a prática da literatura infantil, por meio das lendas, dos contos de fada, das ficções na sala de aula, criando possibilidades e ações, que de maneira plural, estimule nos alunos as emoções, o desejo, o medo, o amor, a tristeza e outros sentimentos. Ele também pode ampliar a capacidade afetiva, porque a literatura infantil é um campo fértil para facilitar o processo educativo.

Identificamos os resultados no desenvolvimento das atividades de oralidade, por meio da literatura e com atividades que potencializam a sonoridade. A pronúncia do próprio nome, pode também auxiliar o aluno na apreciação e experimentação da rima e do ritmo, uma riqueza a ser explorada pelo docente para o reconhecimento do aluno, dos sons contidos nos fonemas, que contribui, tanto no processo da alfabetização, quanto no processo de escolarização.

A pesquisa de campo, a observação participante e a realização das oficinas temáticas, foram muito importantes, porque por meio delas, sistematizamos todos os conteúdos para que pudéssemos realizar a coleta dos dados desta pesquisa. Os participantes contribuíram de forma significativa, participando da contação de histórias e das atividades que foram propostas. Eles foram a chave mestra para que pudéssemos fazer a coleta dos dados e posteriormente, realizarmos todas as análises.

A literatura é um campo fértil para o desenvolvimento educacional dos alunos, por meio desse recurso pedagógico o professor pode desenvolver inúmeras atividades em sala de aula. Ele pode promover oficinas de leitura, fazer contação de histórias

utilizando os contos de fada, propor seminários com atividades lúdicas e dinâmicas, enfim, criar inúmeras possibilidades para dinamizar o seu planejamento.

Para a realização do estudo desta pesquisa, encontramos dificuldade de melhor sistematizar e dinamizar as visitas na escola, pois, existe um cronograma de atividades que o professor da sala de aula precisa cumprir, além do mais, à escola que escolhemos, recebe uma demanda muito grande de estudantes estagiários e de outros projetos educativos, fazendo pesquisa. Portanto o tempo que nos foi disponibilizado, não foi o tempo que gostaríamos de utilizar para aplicação das nossas oficinas.

Os estudos bibliográficos realizados nesta pesquisa, o trabalho no campo e, as oficinas temáticas, foram de grande importância para a nossa formação acadêmica, profissional e para a nossa vida pessoal, pois, nós descobrimos a importância da literatura infantil, não só para o desenvolvimento da oralidade, mas para outras várias áreas do conhecimento, possibilitando ao educando adquirir novos saberes, por meio dos contos de fadas, tornando-se adultos mais críticos e sensíveis.

A nossa pesquisa é apenas um pequeno apanhado do que venha a ser a literatura infantil, e das possibilidades que ela tem na formação dos educandos do 4º ano Ensino Fundamental, pois, é um recurso pedagógico tão importante e rico de conteúdos, que deve ser ampliado para muitas outras séries escolares, ou seja, para todos os níveis educacionais. No entanto, acreditamos que os estudos devem ser retomados, pois, o tema a é muito abrangente, e abre caminhos para novas possibilidades.

Diante disto, sabendo da importância da literatura infantil, é indispensável a utilização este recurso pedagógico no currículo educacional das escolas que ofertam a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. É de suma importância a inclusão da literatura infantil no planejamento do professor, possibilitando um enriquecimento no currículo dos alunos e a promoção de uma prática educativa, mais criativa, dinâmica e diversificada.

## REFERÊNCIAS

ASEVÊDO, Flávio. **João Pessoa atinge metas do Ideb e supera notas das escolas públicas da Paraíba.** Prefeitura de João Pessoa, 2018. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/joao-pessoa-atinge-metas-do-ideb-e-supera-notas-das-escolas-publicas-da-paraiba/>>. Acesso em: 23 de ago. de 2019.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira.; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BUSATTO, Cléo. **Práticas de oralidade na sala de aula.** 1ª ed. São Paulo, Cortez, 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A Oralidade e a Escritura na Literatura Infantil:** Referencial Teórico para a hora do conto. Florianópolis, Brasil, n.13, p.25-38, 2002.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil.** 3ª ed. São Paulo, Paulus, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo, Atlas, 2002.

G1 PB. População da Paraíba Tem 518 Mil Analfabetos, Aponta Estudo Do Ibge. Disponível Em: < <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/populacao-da-paraiba-tem-518-mil-analfabetos-aponta-estudo-do-ibge.ghtml>>. Acesso em: 23 de ago. de 2019.

INFOPÉDIA, Dicionário Online. **Significado de Cinésico.** Disponível em < <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cin%C3%A9sica>>. Acesso em: 08 de set. de 2019.

KOCH, Ingedore Vilhça. **O texto e a construção dos sentidos.** 5ª ed. – São Paulo: Contexto, 2001.

LAJOLO, Mariza; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira:** histórias e histórias. 4ª ed. São Paulo, Ática, 1998.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; FONTANA, Niura Maria. **Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência**. Caxias do Sul. Conjectura, 2009.

PREFEITURA DE JOÃO PESSOA. Ideb por escola. **Qedu**, 2017. Acesso em: <<https://www.qedu.org.br/cidade/4586-joao-pessoa/ideb/ideb-por-escolas>> . Acesso em: 30 de ago. de 2019.

PREFEITURA DE JOÃO PESSOA. Matrículas e infra estrutura – João Pessoa. **Qedu**, 2018. Disponível em: < <https://www.qedu.org.br/cidade/4586-joao-pessoa/censo-escolar>>. Acesso em: 23 de ago. de 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Oralidade e letramento como práticas sociais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PREFEITURA DE JOÃO PESSOA (Não tem autoria). Relação de Escolas municipais. Disponível em: ><http://www.joaopessoa.pb.gov.br/portal/wp-content/uploads/2019/04/1.-ENSINO-FUNDAMENTAL-2019.pdf>>. Acesso em: 23 de ago. de 2019.

PRODONAV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª ed. Rio Grande do Sul, Feevale, 2013.

SIGNIFICADO, Dicionário Online. **Significado de Literatura**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/literatura/>>. Acesso em: 02 de ago. de 2019.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 10ª ed. Porto Alegre, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo, Global, 2003.

**APENDICE A- PROJETO DE INTERVENÇÃO****UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB****CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE****CURSO DE PEDAGOGIA****CLEONEIDE FERNANDES DE AMORIM ROCHA****PROJETO DE INTERVENÇÃO:****A LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA: POSSIBILIDADES DE  
DESENVOLVER A ORALIDADE POR MEIO DOS CONTOS E RECONTOS  
DE HISTÓRIAS****Orientador:****Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda****JOÃO PESSOA - PB****2019**

## JUSTIFICATIVA

A literatura infantil pode ajudar a criança a descobrir o mundo de faz de conta, a ter curiosidade e, se reconhecer como ser integrante de uma sociedade. O professor precisa propor para os alunos uma aproximação com a prática de leitura, também pode buscar subsídios para ampliar o espaço de contação de histórias na sala de aula.

Utilizando a literatura infantil no planejamento educacional, o professor ajuda os alunos desenvolver a oralidade com o reconto das histórias. Pois, este mecanismo pedagógico ajuda no processo de aprendizagem deles, que utilizam a imaginação para alimentar o mundo de faz de conta e para a construção do desenvolvimento da sua oralidade.

Dizer que a literatura infantil pode contribuir para o desenvolvimento da oralidade é uma hipótese a ser investigada bem com, afirmar que os contos e recontos de histórias pode ser uma ferramenta de suma importância para auxiliar o professor a desenvolver nos alunos a prática da oralidade.

A real motivação para a construção deste projeto de pesquisa, surgiu a partir da participação no Programa de Residência Pedagógica, no qual fazemos parte desde o mês de agosto de 2018. Por apreciar a literatura infantil, começamos as observações na sala de aula do quarto ano do Ensino Fundamental, da Escola de Educação Básica – EEBAS da UFPB, e no contato direto com as crianças elaboramos o problema desta pesquisa.

Este trabalho aborda a seguinte questão: como a literatura infantil pode auxiliar os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental a praticar a oralidade através dos contos e recontos de histórias? Partindo do questionamento, iniciamos a busca por subsídios dentro do contexto da educação formal, em especial no Ensino fundamental, para investigar se a literatura infantil têm sido favorável ao desenvolvimento das crianças no que diz respeito à prática de leitura e no desenvolvimento da oralidade.

Segundo a BNCC – Base Nacional Comum Curricular “as atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal [...] corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital”. No entanto, é por meio das manifestações orais que os alunos interagem uns com os outros, construindo valores culturais.

Para investigarmos o problema da pesquisa e para responder a pergunta que foi questionada, nós elaboramos os seguintes objetivos específicos: revisitar como se



apresentam os estudos teóricos sobre a literatura infantil e o desenvolvimento da oralidade; analisar como a literatura infantil pode contribuir para o desenvolvimento da oralidade; analisar com o professor pode trabalhar a oralidade com os alunos na sala de aula por meio da literatura infantil; e, identificar quais os resultados no desenvolvimento de atividades de oralidade por meio da literatura infantil.

É papel de a escola estimular a prática da leitura e promover meios que dêem subsídios ao professor, para que esta prática aconteça de forma plena. O professor precisa utilizar a literatura infantil, para garantir uma boa leitura nos alunos, promovendo o reconto de histórias para estimular o desenvolvimento da oralidade.

## **OBJETIVO**

A literatura infantil é um gênero literário desenvolvido para o público infantil e para o público jovem. Mesmo tendo sido criada para atender a esse público, grande partes das escolas não integram a literatura infantil em seus currículos. Sendo assim, este projeto tem o objetivo de promover oficinas temáticas de contação de histórias para os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental da EEBAS.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A literatura infantil é o ramo da literatura que é dedicado às crianças e ao público infanto-juvenil. Para compreender a origem e a importância da literatura infantil, descobrimos que o termo vem do latim *Littera*, que significa “letra”, que também quer dizer “escritos, contos”.

A literatura no Brasil surgiu bem próxima a chegada do século XX, decorrente do êxodo rural e da crescente urbanização, que deu uma grande injeção no comércio, incentivando a chegada do transporte, provocando um grande avanço de mão de obra no país. Isso provocou a intensificação da educação, de modo que se fazia necessário a inclusão dos filhos dos operários nas escolas, nesse período a educação deixa de ser exclusiva de uma classe dominante. Zilberman destaca que:

Em primeiro lugar, entre 1890 e 1920, com o desenvolvimento das cidades, o aumento da população urbana, o fortalecimento das classes sociais intermediárias entre aristocracia rural e alta burguesia de um lado, escravos e trabalhadores rurais de outro, entra em cena um público virtual. Este é favorável, em princípio ao contato com livros e literatura, na medida em que o consumo desses bens espalha o padrão de escolarização e cultura com que esses novos segmentos sociais desejam apresentar-se frente a outros grupos, com os quais buscam ou a identificação (no caso da alta burguesia) ou a diferença (os núcleos humildes de onde provieram) (ZILBERMAN, 1988, p. 27).

A Literatura Infantil é um gênero literário que tem objetivo de atender a todos os públicos, como intuito de estimular a imaginação das crianças, e nesse contexto destacamos a importância dos contos de fadas como subsídio essencial na formação leitora das crianças. Também pode ser usada como estratégia pedagógica para o desenvolvimento da oralidade.

A oralidade existe desde antes da escrita, quando tudo era transmitido de forma oral, mas as escolas prega nos alunos a cultura do silêncio, impedindo que eles se expressem, muitas vezes causando um bloqueio na criança que na hora de apresentar trabalhos escolares como, por exemplo, nos seminários, elas não conseguem apresentar por ter medo, por nervosismo e por não ter o hábito de se expressar na sala de aula. Segundo os PCN's - Língua Portuguesa:

A linguagem é uma forma de ação interindividual orientada por uma finalidade específica; um processo de interlocução que realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da sua história. Dessa forma, se produz linguagem tanto numa conversa de bar, entre amigos, quanto ao escrever uma lista de compras, ou ao redigir uma carta – diferentes práticas sociais das quais se pode participar (BRASIL, 1998, p. 22).

Portanto, como destaca os PCN's, a linguagem oral pode ser usada em muitas circunstâncias da vida humana, pois, ela existe desde antes da escrita, quando tudo era transmitido de forma oral. O professor precisa incluir no seu planejamento a literatura infantil e priorizar textos que sejam relatados de forma oral, uma vez que as escolas adotam mais a escrita.

## METODOLOGIA

Para atingirmos o objetivo desta pesquisa, elaboramos três oficinas temáticas de contação de histórias para serem aplicadas com os 16 alunos matriculados, na turma do quarto ano do Ensino Fundamental, da Escola de Educação Básica da UFPB. O plano de atividades de cada oficina proposta, se apresentam no quadro a seguir.

### 1ª atividade – Sexta feira 26/07/2019

Contação de história - “A lagartixa Cauê”	
Data	26/07/2019
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contar a história “A lagartixa Cauê”;</li> <li>- Discutir o texto;</li> <li>- Convidar alunos da sala para fazer o reconto da história;</li> <li>- Aplicar questionário.</li> </ul>
Tempo de duração	02 horas
Conteúdo	Literatura infantil “A lagartixa Cauê”
Procedimentos Metodológicos	Inicialmente fizemos uma discussão com os alunos para saber se eles gostam de contação de história. Depois fizemos a distribuição do texto “A lagartixa Cauê”, então realizamos uma leitura conjunta para que todos pudessem acompanhar a história. Em seguida fizemos uma roda de conversa para saber o que eles entenderam sobre a história. Convidamos dois alunos da sala para fazer o reconto sem a história. Realizamos uma roda de conversa. Realizamos a aplicação de um questionário para que os alunos respondessem as perguntas, para que pudéssemos analisar o que eles fixaram sobre a história. Por fim ministramos uma oficina de uma lagartixa de mosaico.
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cópias da história “A lagartixa Cauê”;</li> <li>- Questionários;</li> <li>- Cartolina;</li> <li>- E.V.A de diversas cores;</li> <li>- Cola;</li> <li>- Tesoura.</li> </ul>
Avaliação	A avaliação se deu por meio da participação dos alunos nas atividades, pela realização do reconto e pela construção dos trabalhos propostos na oficina.

**2ª atividade – Quarta feira 07/08/2019**

Contaão de hist3ria - “Menina bonita do lao de fita”	
Data	07/08/2019
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contar a hist3ria “Menina bonita do lao de fita”;</li> <li>- Incentivar o gosto pela leitura;</li> <li>- Trabalhar a diversidade;</li> <li>-Trabalhar oralmente as caracter3sticas da menina, associando as compara3es do texto;</li> <li>- Criar um cartaz de uma menina/mulher negra.</li> </ul>
Tempo de dura3o	02 horas
Conte3do	Literatura Infantil “Menina Bonita do Lao de Fita”
Procedimentos Metodol3gicos	<p>Inicialmente retomamos a discuss3o com os alunos para saber se eles se lembram da hist3ria que contamos na oficina anterior e, para saber se eles gostaram. Depois iniciamos a oficina apresentando a hist3ria da autora e do livro, aproveitando tudo o que ele possa oferecer, proporcionando um tempo para que os alunos observassem cuidadosamente. Pedimos 3s crianas que desenvolvam trabalhos manuais sobre desenhos e pinturas africanas, com 3nfase na hist3ria da 3frica, lembrando o que dizia a hist3ria da menina quando diz que ela 3 “uma princesa das terras da 3frica” ou “Uma fada do reino do luar”, questionamos para saber o que eles entenderam com as express3es, com 3nfase na hist3ria da 3frica. Construímos um cartaz de uma figura feminina negra com os cabelos em formato de flores.</p>
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ilustra3es e textos;</li> <li>- Papel 3f3cio;</li> <li>-Tinta guache;</li> <li>- L3pis de colorir;</li> <li>- Tesoura;</li> <li>- Cola;</li> <li>- Moldes de flores de diversos tamanhos;</li> <li>- Cartolinas de cores variadas.</li> </ul>
Avalia3o	Nesta oficina a avalia3o foi feita pela participa3o dos alunos na rode de conversa, pela constru3o do cartaz e pelo reconto da hist3ria.

**3ª atividade – Quarta feira 26/07/2019**

Contação de história - “O cabelo de Lelê”	
Data	14/08/2019
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contar a história o cabelo de Lelê;</li> <li>- Conversar sobre a história, extrair as lições, dentre outras;</li> <li>- Propor uma reflexão a cerca do que é preconceito e discriminação;</li> <li>- Elencar algumas formas de preconceito e discriminação;</li> <li>- Refletir sobre algumas medidas que podem ser tomadas para evitar o preconceito e a discriminação;</li> <li>- Conversar sobre os padrões de beleza midiáticos e pensar sobre os diferentes tipos de beleza.</li> </ul>
Tempo de duração	02 horas
Conteúdo	Literatura Infantil “O cabelo de Lelê”
Procedimentos Metodológicos	<p>Antes de começarmos a contação da história, pedimos aos alunos que fizessem um círculo, sentando no chão. Recapitulamos a história anterior que tinha uma temática semelhante. Refletimos um pouco sobre o preconceito. Fizemos a contação da história “o cabelo de Lelê” com um fantoche. Depois fizemos um debate para discutir sobre a história, para extrairmos lições, dentre outras. Propomos reflexões a cerca do preconceito e da discriminação, elencando algumas formas de preconceitos e discriminação. Discutimos sobre algumas medidas que devemos adotar para evitar o preconceito e a discriminação. Conversamos sobre os padrões de beleza midiáticos e pensamos sobre os diferentes tipos de beleza. Realizamos uma atividade chamada dinâmica do espelho. Em seguida devemos realizar uma roda de conversa e por último fizemos um concurso com o tema: “Cada um com sua beleza e todos com respeito ao próximo”.</p>
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cópia da história “O cabelo de Lelê”;</li> <li>- Fantoche;</li> <li>- Espelho;</li> <li>- Papel A4;</li> <li>- Lápis.</li> </ul>
Avaliação	O processo avaliativo foi feito com base no desenvolvimento oral dos alunos, que gradativamente conseguiram participar da contação, fazendo os recontos e participando de todas as oficinas.

## **CRONOGRAMA**

<b>ATIVIDADE</b>	<b>MAIO</b>	<b>JUNHO</b>	<b>JULHO</b>	<b>AGOSTO</b>	<b>SETEMBRO</b>
Revisão Bibliográfica	<b>x</b>	<b>x</b>	<b>x</b>	<b>x</b>	
Aplicação das atividades		<b>x</b>	<b>x</b>		
Análise dos dados			<b>x</b>	<b>x</b>	
Escrita da monografia	<b>x</b>	<b>x</b>	<b>x</b>	<b>x</b>	<b>x</b>
Revisão do texto				<b>x</b>	<b>x</b>
Defesa da monografia					<b>x</b>

## **REFERÊNCIAS**

BETTELEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro. Editora: Paz e Terra, 1997.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. (1º e 2º ciclos do ensino fundamental). Brasília: MEC, 1998.

LAJOLO, Mariza. ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: histórias e histórias**. São Paulo. Editora Àtica, 1988.

ZILBERMAN, Regina. **A Leitura e o Ensino de Literatura**. São Paulo. Editora: Contexto. 1988.

**APÊNDICE B - ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE****ROTEIRO DPARA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE**

Nome: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_

Série que atua: \_\_\_\_\_ Turno: \_\_\_\_\_ Quantidade de alunos: \_\_\_\_\_

1. Como é o ambiente escolar.
2. Como é o ambiente da sala de aula.
3. Como é a relação professor – alunos. A relação entre os alunos.
4. Como é a rotina da sala de aula.
5. Como são as atividades desenvolvidas na sala de aula. Levar em consideração como a professora trabalha a literatura infantil.
6. A professora acompanha o desenvolvimento da oralidade dos alunos na sala de aula.
7. Todos participam da atividade, mesmo apresentando problemas de timidez.
8. Que recursos ou materiais didáticos a professora utiliza para trabalhar a contação de histórias
9. Como os alunos se comportam com atividades que necessitam de comunicação oral.
10. A professora estimula a contação de histórias para promover o desenvolvimento oral dos alunos.
11. Como a professora pode estimular a contação de histórias na sala de aula.

## APENDICE C – TEXTO A LAGARTIXA CAUÊ

### A lagartixa Cauê

Cauê é uma lagartixa. Como muitas outras lagartixas, ele nasceu atrás da luminária principal da sala da casa da viúva Maria, que veio do Paraguai.

Lagartixas não gostam de sair de suas tocas durante o dia.

Preferem a noite, para caçar pequenos insetos.

A refeição predileta de Cauê é pernilongo, que vive infestando o saguão de entrada.

Mas já está chegando o inverno, e estava difícil encontrar algum voando por ali.

Um dia escondido atrás da luminária, Cauê ouviu as pessoas conversando.

Alguém comentou:

- Está chegando o frio. Bom mesmo é quando chegar o verão. Vamos à praia?

- Eu não gosto. A praia é cheia de insetos voando para todos os lados

- Respondeu outra pessoa.

Então Cauê não quis ouvir mais nada. Só imaginava as palavras praia e insetos voando.

Sem pensar duas vezes, foi logo reunindo suas coisinhas e anunciou a decisão para a família:

- Vou me mudar para praia. Lá é bom e tem muita comida.

Não havia quem convencesse Cauê a ficar. Ele estava decidido.

Naquela mesma noite, começou sua jornada dessa praia tão sonhada.

Ao sair de casa, Cauê teve seu primeiro susto: “como é grande o mundo aqui fora!”-

Pensou.

Não sabia nem para qual lado da rua deveria andar. Escolheu um, e foi! Pedia informação aos cães. Fugia dos gatos. Corria e se escondia.

E começava tudo de novo no outro dia.

Foi uma verdadeira aventura. Até que, depois de duas semanas, Cauê chegou à praia.

Viu o mar e pensou:

- Água nunca terei problema para encontrar! Como é possível não ter outras lagartixas morando por aqui?

Correu até o mar e, antes que pudesse alcançá-lo, uma onda o derrubou. Recuperado, tentou mais uma vez. E outra.

Até que entendeu como funcionava o mar.



Ficou parado, esperando pela água com a boquinha aberta para matar sua sede. Assim que a onda chegou:

- Eca! - gritou. - Que água salgada! Estou cansado demais.

Vou me deitar e amanhã procuro por uma água melhor.

Cauê fez uma toca na areia e pegou no sono, pois já estava amanhecendo.

Poucas horas se passaram e os turistas começaram a chegar. Crianças correndo de um lado para o outro, mulheres esticando suas toalhas para tomar sol, homens jogando futebol.

Cauê acordou com toda aquela confusão “o que é isso?”, disse para si mesmo.

Naquele instante, uma menina passou correndo e chutou a toca dele, depois foi uma bola que quase acertou seu rabo. E muitas pessoas saindo do mar, comprando sorvetes, caminhando pela praia...

Cauê não conseguia se esconder, muito menos se proteger.

Um siri o puxou para sua casa.

- O que você está fazendo aqui? A praia é muito perigosa para uma lagartixa! Aqui está assim de espíões! - disse o siri, batendo varias vezes uma parte na outra de suas pinças.

Cansado, com sono, com fome e com sede, Cauê não teve dúvidas em pedir ajuda:

- Senhor siri, posso ficar aqui até escurecer? Estou muito cansado para voltar para minha casa hoje. O siri deu sua permissão.

E assim que a noite chegou, Cauê partiu.

Voltou para o seu lugar, de onde nunca deveria ter saído.

*Fernando Soares Andrade.*

**APENDICE D – QUESTIONÁRIO - LAGARTIXA CAUÊ**

EEBAS – Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba

Aluno (a): \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

**Questionário**

1 – Qual o título do texto?

---

2 Onde nasceu a lagartixa Cauê?

---

3 – Qual a melhor hora para as lagartixas saírem de suas tocas?

---

4 – Qual é a refeição predileta de Cauê?

---

5 – Um dia escondido atrás da luminária, Cauê ouviu o que das pessoas?

---

6 – Cauê não quis ouvir mais nada. O que fez?

---

7 – Ao sair de casa qual o primeiro susto de Cauê?

---

8 – Como Cauê chegou à praia?

---

9 – Cauê fez uma toca na areia e pegou no sono, pois já estava amanhecendo. Poucas horas se passaram e os turistas começaram a chegar o que aconteceu?

---

10 – Cansado, com sono, com fome e com sede, Cauê não teve dúvidas em pedir ajuda. Pediu ao senhor siri se podia ficar lá até escurecer. O que o senhor siri achou disso?

---

## APENDICE E – TEXTO MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

### Menina Bonita do Laço de Fita

Era uma vez uma menina linda, linda.

Os olhos pareciam duas azeitonas pretas brilhantes, os cabelos enroladinhos e bem negros.

A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra na chuva.

Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laços de fita coloridas. Ela ficava parecendo uma princesa das terras da África, ou uma fada do Reino do Luar.

E, havia um coelho bem branquinho, com olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelicando.

O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto na vida.

E pensava:

– Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela...

Por isso, um dia ele foi até a casa da menina e perguntou:

– Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

– Ah deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina...

O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tomou banho nela. Ficou bem negro, todo contente. Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez.

Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

– Menina bonita do laço de fita, qual é o seu segredo para ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

– Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenina.

O coelho saiu dali e tomou tanto café que perdeu o sono e passou a noite toda fazendo xixi. Mas não ficou nada preto.

– Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

– Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina.

O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar.

O máximo que conseguiu foi fazer muito cocozinho preto e redondo feito jabuticaba. Mas não ficou nada preto.

Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

– Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia e... Já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada, quando a mãe dela que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse:

– Artes de uma avó preta que ela tinha...

Aí o coelho, que era bobinho, mas nem tanto, viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos.

E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para casar.

Não precisou procurar muito. Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça.

Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando desanda a ter filhote não para mais! Tinha coelhos de todas as cores: branco, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha. Já se sabe, afilhada da tal menina bonita que morava na casa ao lado.

E quando a coelhinha saía de laço colorido no pescoço sempre encontrava alguém que perguntava:

– Coelha bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?

E ela respondia:

– Conselhos da mãe da minha madrinha...

**APENDICE F – TEXTO O CABELO DE LELÊ****O Cabelo de Lelê**

Lelê não gosta do que vê, joga para lá, puxa pra cá.  
Jeito não dá, jeito não tem.  
De onde vem tantos cachinhos?, A pergunta se mantém.  
Toda pergunta exige uma resposta.  
Em um livro vou procurar!  
Pensa Lelê num canto a cismar.  
A pergunta se mantém. Fuça aqui, fuça lá.  
Mexe e remexe até encontrar o tal livro, muito sabido!  
Que tudo aquilo pode explicar.  
Lelê gosta do que vê!  
Depois do atlântico, a África chama  
E conta uma trama de sonhos e medos,  
De guerras e vidas e mortes no enredo.  
Também de amor no enrolado cabelo.  
Lelê gosta do que vê vai à vida, vai ao vento,  
Brinca e solta sentimento.  
Descobre a beleza se ser como é herança trocada no ventre  
da raça do pai, do avó, de além-mar até...  
O negro cabelo é pura magia, encanta o menino a quem se avizinha.  
Lelê já sabe que em cada cachinho existe um pedaço de sua história.  
Que gira e roda no fuso da terra de tantos cabelos que são a memória.  
Lelê gosta do que vê! E você?

*Ana Maria Machado*

## BREVE CURRÍCULO DA AUTORA

### CLEONEIDE FERNANDES DE AMORIM ROCHA

Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora na cidade de João Pessoa – PB. Concluiu o Ensino Médio no ano de 1989 na Escola Estadual de 1º e 2º grau Papa Paulo VI. Ingressou no Curso de Pedagogia no período 2015.2, concluindo no período 2019.1. Participou do Programa de Residência Pedagógica, de agosto de 2018 à outubro de 2019. Fez parte como bolsista do Programa de Monitoria – “Os Fundamentos da Educação e sua Relevância para a Formação nas Licenciaturas”, na disciplina: Filosóficos da Educação I. Foi voluntária em dois Programas: Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica – PIVIC, intitulado *Os Conteúdos Introdutórios do Livro de Filosofia e os Desafios da Pergunta: para que Filosofia? Experiência no ensino de Filosofia na Educação Básica e a atividade de projeto de leitura* e no Programa de Licenciatura – PROLICEN.

#### Participação em eventos

- ✓ Apresentou 02 (dois) trabalhos em formato de comunicação oral, o primeiro denominado: *Os conteúdos introdutórios do livro Didático de Filosofia e os desafios da pergunta: para que Filosofia?* e o segundo denominado: *Espaços e Rotinas na Educação Infantil: contatos iniciais no Programa Residência Pedagógica*.
- ✓ Participou como ouvinte do III Colóquio Regional de Ensino, Pesquisa e Extensão na área de Fundamentos de Educação, realizados de 09 a 11 de maio de 2018.
- ✓ Participou e apresentou trabalhos no Encontro de Iniciação a Docência ENID – 2018 – Campos I, que foi realizado no período de 15 a 18 de outubro de 2018.
- ✓ Apresentou em formato de comunicação oral, o trabalho intitulado: *Construindo Práticas de Alfabetização e Letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, em 2018.
- ✓ Participou do Fórum de Mulheres em Luta da UFPB, de maio de 2018 a setembro de 2019.
- ✓ Participou na Mostra Pedagógica Cultural, realizada pelo Centro de Educação, no dia 31 de outubro de 2019.
- ✓ Apresentou trabalho em formato de comunicação oral na amostra do Centro de Educação, intitulado: *A Crescente Violência Contra a Mulher em Pleno Século XXI*, no período de 31 de maio a 02 de junho de 2016.